

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO  
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBCTI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

ANA MARIA RUTTIMANN

**Informação e memória:  
Atas da Academia Brasileira de Letras  
1920 e 1921**

Rio de Janeiro  
2015

ANA MARIA RUTTIMANN

Informação e memória: Atas da Academia Brasileira de Letras  
1920 e 1921

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Geraldo Moreira Prado

Coorientadora: Rosali Fernandez de Souza

Rio de Janeiro

2015

ANA MARIA RUTTIMANN

Informação e memória: Atas da Academia Brasileira de Letras  
1920 e 1921

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em:

---

Prof. Dr. Geraldo Moreira Prado (Orientador)  
PPGCI/IBCTI – ECO/UFRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosali Fernandez de Souza (Co-orientadora)  
PPGCI/IBCTI – ECO/UFRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lena Vania Ribeiro Pinheiro  
PPGCI/IBCTI – ECO/UFRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iceia Thiesen  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

## DEDICATÓRIA

*Dedico esta dissertação a meu pai, que apesar de não estar mais entre nós, é sempre presente, como modelo e exemplo, que me ensinou o amor pelos livros, pela catalogação e investigação científica desde criança, começando por nossa singela coleção de selos, até a organização da sua própria biblioteca e documentos, memórias de uma vida.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à Santa Tereza d'Ávila, que durante toda minha vida têm sido apoio, fonte de inspiração e bálsamo, fortaleza diante dos obstáculos com que tenho me deparado durante esses últimos anos.

Ao professor Geraldo Moreira Prado, pelo incentivo, paciência, sugestões, compreensão e auxílio, e à professora Rosali Fernandez de Souza, também pelo incentivo e solidariedade nos momentos de desânimo, pela disponibilidade sempre amorosa do seu tempo, suas correções e ensinamentos à elaboração desta dissertação. À professora Lena Vania pela oportunidade de frequentar a sua disciplina Perspectivas da Ciência da Informação como ouvinte e por tudo o que aprendi nesse período acadêmico.

À Joana Cardoso da Silva, a mais antiga funcionária do Arquivo da ABL, generosa e fraterna, possuidora de grande saber sobre a história da Academia, sempre disposta a ajudar. À Kátia e à Verônica, da Biblioteca Rodolfo Garcia, pela disponibilização à bibliografia e incentivo nessa empreitada. À d. Carmen de Oliveira, Secretária da ABL e ao Prof. Eduardo Portella, por tudo.

A minha mãe, em homenagem póstuma, mulher guerreira que incentivou esta etapa da minha vida, partindo logo após o término dessa dissertação. A meus filhos e enteado pela compreensão nos momentos em que precisei estar ausente e pela positividade que manifestaram diante deste desafio. À Maria Lucia Amado cujo amor manifesto regou meu coração por todo este percurso acadêmico.

Ao meu companheiro de todas as horas, Ricardo, que não mediu esforços, incentivando-me nas horas de cansaço e adversidade, ouvinte paciente e conselheiro sagaz diante de alguma dúvida na elaboração deste trabalho, com seu olhar crítico e construtivo.

Finalmente, a todos que me facilitaram esta empreitada direta ou indiretamente, incluindo aí minhas boas amigas de quatro patas, Bela e Luna, sempre presentes com seus olhares doces e sinceros.

**Epígrafe**

- *Quando eu uso uma palavra – disse Humpty Dumpty – ela significa exatamente aquilo que eu quero que signifique ... nem mais nem menos.*

- *A questão – ponderou Alice – é saber se o senhor pode fazer as palavras dizerem coisas diferentes.*

(Lewis Carroll, *Alice no país das maravilhas*)

## RESUMO

RUTTIMANN, Ana Maria. **Informação e memória**: Atas da Academia Brasileira de Letras – 1920 e 1921. Orientador: Geraldo Moreira Prado. Coorientador: Rosali Fernandez de Souza. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - Escola de Comunicação, convênio com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2015.

Apresenta estudo sobre informação e memória na Academia Brasileira de Letras, através da pesquisa acerca dos assuntos documentados nas atas das sessões plenárias de 1920 e 1921, considerando-se a perspectiva histórica da memória coletiva deste grupo, refletindo sua cultura organizacional. Alicerçado na criação de uma base de dados, sistematizando o ciclo informacional da Instituição para facilitar a contextualização dos assuntos analisados, discorrendo sobre os resultados mais relevantes, atenta às propostas da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento para o resgate da memória da Instituição. Os procedimentos adotados revelaram valores e tradições, o comportamento informacional, o compartilhamento de experiências entre todos os integrantes do universo estudado, assim como as fontes que utilizavam à época, bibliográficas, de informação e conhecimento. No universo específico estudado “Comissões Permanentes e Especiais”, foram constatadas ações e debates relevantes, representativos como fonte de restituição da memória. Também é sinalizada a vastidão do universo estudado e a possibilidade descortinada para futuro aprofundamento e pesquisas.

**Palavras-Chave:** Informação e Memória; Ciência da Informação; Gestão da Informação; Memória Organizacional; Memória Institucional; Academia Brasileira de Letras.

## ABSTRACT

RUTTIMANN, Ana Maria. **Informação e memória**: Atas da Academia Brasileira de Letras – 1920 e 1921. Orientador: Geraldo Moreira Prado. Coorientador: Rosali Fernandez de Souza. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - Escola de Comunicação, convênio com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2015.

Presents a study about information and memory in the Brazilian Academy of Letters, through research of the documented subjects in the 1920 and 1921 plenary session minutes, considering the historical perspective of the collective memory of this group, reflecting its organizational culture. Structured on the creation of a database, systematizing the informational cycle of the institution to ease off the contextualization of the analyzed matters, discoursing about the most relevant results, attentive to the proposals of the Information Science and of the Organization of Knowledge to the retrieval of the Institution's memory. The adopted procedures revealed values and traditions, the informational behavior, the sharing of experiences among all of the members of the studied universe, as the sources that they used in the time, bibliographical, of information and knowledge. In the specific universe studied, Permanent or Especial Committees, were verified relevant actions and debates, suitable as sources of memory recover. It's also shown the amplitude of the studied universe and the unveiled possibility for further studies and researches.

**Keywords:** Information and Memory; Information Science; Information Management; Organizational Memory; Institutional Memory; Brazilian Academy of Letters.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Lista de presença dos acadêmicos nas sessões.....	43
Gráfico 2 - Participação dos acadêmicos nas sessões de 1920 e 1921.....	44
Gráfico 3 - Comissão de Lexicografia: Temas dos protagonistas.....	46
Gráfico 4 - Comissão de Lexicografia: Temas dos atores.....	47
Gráfico 5 - Comissão de Lexicografia: Frequência dos protagonistas.....	48
Gráfico 6 - Comissão de Lexicografia: Frequência dos atores.....	48
Gráfico 7 - Comissão de Publicações: Temas dos protagonistas.....	49
Gráfico 8 - Comissão de Publicações: Temas dos atores.....	50
Gráfico 9 - Comissão de Publicações: Frequência dos protagonistas.....	50
Gráfico 10 - Comissão de Publicações: Frequência dos atores.....	51
Gráfico 11 - Comissão de Redação: Temas dos protagonistas.....	52
Gráfico 12 - Comissão de Redação: Temas dos atores.....	52
Gráfico 13 - Comissão de Redação: Frequência dos protagonistas.....	53
Gráfico 14 - Comissão de Redação: Frequência dos atores.....	53
Gráfico 15 - Comissão de Bibliografia: Temas dos protagonistas.....	54
Gráfico 16 - Comissão de Bibliografia: Temas dos atores.....	54
Gráfico 17 - Comissão de Bibliografia: Frequência dos protagonistas.....	55
Gráfico 18 - Comissão de Bibliografia: Frequência dos atores.....	56
Gráfico 19 - Prêmios ABL: Protagonistas.....	57
Gráfico 20 - Prêmios ABL: Atores.....	58
Gráfico 21 - Prêmios ABL: Frequência dos protagonistas.....	58
Gráfico 22 - Prêmios ABL: Frequência dos atores.....	59
Gráfico 23 - Relação Brasil-Portugal: Protagonistas.....	60
Gráfico 24 - Relação Brasil-Portugal: Atores.....	61
Gráfico 25 - Relação Brasil-Portugal: Frequência dos protagonistas.....	61
Gráfico 26 - Relação Brasil-Portugal: Frequência dos atores.....	62
Gráfico 27 - Relações Internacionais: Protagonistas.....	63
Gráfico 28 - Relações Internacionais: Atores.....	63
Gráfico 29 - Relações Internacionais: Frequência dos protagonistas.....	64
Gráfico 30 - Relações Internacionais: Frequência dos atores.....	65
Gráfico 31 - Reforma do Regimento: Protagonistas.....	66
Gráfico 32 - Reforma do Regimento: Atores.....	67
Gráfico 33 - Reforma do Regimento: Frequência dos protagonistas.....	68
Gráfico 34 - Reforma do Regimento: Frequência dos atores.....	68
Gráfico 35 - Direitos autorais: Frequência dos protagonistas.....	69
Gráfico 36 - Direitos autorais: Frequência dos: Atores.....	69
Gráfico 37 - Reforma Tributária: Frequência dos protagonistas.....	70
Gráfico 38 - Reforma Tributária: Frequência dos protagonistas.....	71

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>16</b>
<b>3 MARCO TEÓRICO.....</b>	<b>17</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
<b>5 LÓCUS DA PESQUISA</b>	
5.1 Considerações históricas.....	34
5.2 Informação e memória da ABL.....	40
5.2.1 Centro de Memória.....	40
5.2.2 Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça.....	42
<b>6 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS.....</b>	<b>43</b>
6.1 Comissões Permanentes.....	45
6.1 Comissões Especiais.....	56
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXO A – Revista Brasileira.....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXO B – Estatuto da Academia Brasileira de Letras.....</b>	<b>83</b>
<b>ANEXO C – Patronos, Fundadores, Sucessores (Janeiro 2015). ....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO D – Presidentes da ABL (Janeiro 2015).....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXO E – Carta da Comissão da ABL para o Senado. ....</b>	<b>92</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Até meados do século XVII a comunicação científica se dava apenas por meio da troca de correspondência entre pesquisadores e de publicações esporádicas de panfletos e livros. Só após o surgimento das sociedades científicas como a *Royal Society* em Londres (1660) e a *Académie des Sciences* em Paris (1666) passa-se a organizar de forma compartilhada o conhecimento, independente das opiniões políticas ou religiosas dos cientistas e, através do intercâmbio dessas publicações, tem início a primeira rede de troca de informações internacional. Foram diversas as sociedades científicas criadas na Europa entre 1600 e 1700. No Brasil, temos notícia do surgimento de academias a partir da primeira metade do século XVIII, mas foi com a transferência da capital do Brasil para a cidade do Rio de Janeiro, em 1763, e posteriormente com a chegada da família real, em 1808, que uma efervescência tomou conta da vida cultural e científica da cidade. D. João VI revitalizou a nova capital criando o Jardim Botânico, a Academia Imperial de Belas Artes, a Academia de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, a Biblioteca Real, a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios e a Imprensa Régia.

O Primeiro Reinado (1822-1831) é marcado pela atuação da Imperatriz Dona Leopoldina, esposa de D. Pedro I que, após verificar a pobreza das condições do país, estimulou projetos destinados ao desenvolvimento da ciência e da cultura. Assessorada pela Missão Científica austríaca que a acompanhou, contribuiu de forma relevante para a formação da sociedade brasileira. Logo após sua chegada ao Brasil, redige o decreto de 6 de junho de 1818, para a criação de um museu, que posteriormente viria a ser o Museu Nacional. Durante o período da Regência (1831-1840), ocorre praticamente um hiato no desenvolvimento da vida científica. D. Pedro II foi declarado maior de idade no dia 23 de julho de 1840, iniciando-se assim o período do Segundo Reinado. Livre pensador, fascinado pelos estudos e inovações, desde muito jovem foi sócio correspondente de diversas sociedades científicas e o fundador, mantenedor e incentivador de inúmeras instituições no Brasil como o Observatório Nacional, o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e a Escola de Minas de Ouro Preto.

Em 15 de novembro de 1889 instaura-se no Brasil um novo regime de governo, a República, regida por um Governo Provisório chefiado pelo Marechal Deodoro da Fonseca. Em 1890 é implantado o Congresso Nacional Constituinte no

Rio de Janeiro e Prudente de Moraes é eleito presidente da Câmara, tendo como vice o Marechal Floriano Peixoto. A eleição realizou-se em meio a tensões entre militares e civis, pois o Congresso Nacional era contrário a Deodoro (FAORO, 2003, p.552). Promulga-se a Constituição em 24 de fevereiro de 1891, que vigorou até 1932. O Brasil torna-se uma República Federativa, dividida em vinte estados, cujos governadores tinham grande autonomia, representando as oligarquias locais.

O período de 1889 a 1894 ficou conhecido como o da “República da Espada”. Em 1891, após a renúncia do Marechal Deodoro, assume a presidência Floriano Peixoto, o “Marechal de Ferro”, que recebe o apoio dos militares e governa pela força, devido aos inúmeros problemas sociais da nação. A partir de 1894, o Brasil passa a ser governado por civis vinculados à oligarquia rural, aliados ao Partido Republicano Paulista e ao Partido Republicano Mineiro, criando a política do “café-com-leite”, onde cada estado elegeria um presidente de forma alternada. Este rodízio de sucessões só foi interrompido por Getúlio Vargas que, apoiado por políticos do Rio Grande do Sul e da Paraíba, liderou o Golpe de 1930. Podemos dizer que, nas três primeiras décadas do século XX, o Brasil experimentou o “liberalismo oligárquico”, coexistindo uma constituição liberal com práticas políticas oligárquicas. (FAORO, 2003, p.501). A política brasileira consistia basicamente do coronelismo e da troca de favores, e a economia dependia da exportação do café, que representava metade da receita do país. O governo favorece a expansão cafeeira em São Paulo, a imigração europeia de mão-de-obra, o crédito fácil, e as plantações aumentam até atingir uma superprodução que gera queda do preço do café. A dívida da lavoura cresce e torna-se necessária a importação de cereais, pois a monocultura invade os campos.

A partir desse cenário, incapaz de amortizar a dívida externa, desencadeia-se uma crise agrícola no Brasil. Revoltas populares reivindicam a diminuição da desigualdade social e o cumprimento das promessas feitas pelo novo governo. Apesar da profunda crise político-social do país nas primeiras décadas do século XX, o Brasil, assim como outros países da América Latina, passa a estimular e a ressaltar a preservação da memória nacional, através de incentivos à criação de bibliotecas públicas e arquivos.

Após a proclamação da República, Afonso Celso e Medeiros e Albuquerque iniciam um movimento a favor da criação de uma academia literária nacional, nos moldes da Academia Francesa. José Veríssimo, aproveitando o sucesso da *Revista*

*Brasileira* (Anexo A) por ele publicada, promovia jantares e encontros, dando coesão ao grupo de escritores que acabaram por compor a ABL. Inicialmente Lúcio de Mendonça propôs uma academia de letras sob a égide do Estado, mas a proposta foi recusada e a Academia Brasileira de Letras é fundada como instituição privada independente.<sup>1</sup>

No dia 15 de dezembro de 1896, na sala da *Revista Brasileira*, teve início a sessão preparatória para a organização da ABL. Estiveram presentes nesta sessão preparatória Arthur Azevedo, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Filinto de Almeida, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Octavio, Silva Ramos, Valentim Magalhães, José Verissimo e Visconde de Taunay. Nessa primeira reunião, Machado de Assis foi aclamado presidente da Academia, composta por trinta membros. Para completar o quadro de quarenta fundadores, elegeram mais dez companheiros. Esses homens, de diversas correntes de pensamento, mantiveram-se unidos no interesse comum pela cultura, nesses primeiros tempos da instituição.<sup>2</sup>

A sessão inaugural da ABL aconteceu no dia 20 de julho de 1897, numa sala do museu Pedagogium,<sup>3</sup> à Rua do Passeio, na cidade do Rio de Janeiro. Na ocasião, Machado de Assis fez a alocação preliminar, seguido de Rodrigo Octavio, primeiro-secretário, que leu a memória histórica dos atos preparatórios, e do secretário-geral, Joaquim Nabuco, que pronunciou o discurso inaugural. Vale destacar trecho do discurso de Machado de Assis, ao empossar-se presidente, que define e esclarece a importância e as metas desta instituição secular desde o seu surgimento:<sup>4</sup>

Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova, naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a

<sup>1</sup> MONTELLO, Josué. *A Academia Brasileira de Letras - 100 anos (1897-1997)*. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4319&sid=2>. Acesso em: 19/nov./2014.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=327>. Acesso em: 16/jul./2014.

<sup>3</sup> *Pedagogium*: Museu pedagógico criado em 1890 no Rio de Janeiro. Em 1897 foi transformado num centro de cultura superior e em 1906 recebeu o primeiro laboratório de psicologia experimental do Brasil. O museu teve 29 anos de existência, sendo extinto em 1919, quando seu patrimônio foi transferido para a Escola Normal (ISERJ). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedagogium>. Acesso em: 18/jul./2014.

<sup>4</sup> Disponível em: [http://www.machadodeassis.org.br/abl\\_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=machadodeassis&sid=34](http://www.machadodeassis.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=machadodeassis&sid=34). Acesso em: 16/jul./2014.

unidade literária. Tal obra exige, não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão. (MONTELLO, 1977, p.12)

A Academia Brasileira de Letras, desde a sua fundação, estimulou o estudo e a pesquisa da cultura brasileira e da língua portuguesa, com suas variações, estrangeirismos e brasileirismos, características do jovem povo lusófono, Colônia, e depois Reino Unido de Portugal. Grande parte dos trabalhos literários deste período focava em temas ligados à nação, à democracia, e a melhorias das formas de trabalho e das instituições políticas. Era a crise social e política, na passagem do século XIX ao XX. E o grupo liderado por Machado de Assis, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Tobias Barreto, Castro Alves e Sílvio Romero encontrou solo fértil no Brasil republicano. O que se deveria valorizar no novo século não era o passado, mas o nacional, o povo brasileiro e a natureza. Preocupados com a preservação da memória nacional, os acadêmicos instituíram a prática de registro em ata desde as sete sessões preparatórias que antecederam a inauguração da Academia Brasileira de Letras. Deste modo, pode-se considerar que a ABL, com suas atas e publicações periódicas, é um “lugar de memória” e espaço para formulação e encaminhamento de problemas históricos e culturais.

Atas não possuem um narrador e cabe ao pesquisador, como leitor, interpretar sua estrutura narrativa que difere das obras literárias. Sem qualquer caráter ficcional, nas atas valorizam-se os depoimentos dados no correr de um tempo histórico, assim como os diferentes pontos de vista de um mesmo acontecimento. As atas apenas lançam informações relevantes, sem se deterem nos detalhes. Ao lermos atas, podemos considerar uma perspectiva baseada na memória coletiva de um grupo social sobre acontecimentos passados. Assim como na obra literária, a época e o local refletem valores do grupo, ainda que com influências de experiências passadas formadoras da memória.

Ao longo da pesquisa dos anos 1920 e 1921 no Livro de Atas da ABL, objeto de estudo deste trabalho, foram encontradas cartas manuscritas, textos, fotos, documentos oficiais, discursos, etc. Os atores das atas são, na sua maioria, os

próprios acadêmicos, com a participação esporádica de visitantes às sessões. O que todos tinham em comum era serem integrantes de uma mesma academia literária e participarem de uma mesma elite intelectual. Suas experiências podem variar, mas o núcleo central de interesses fundamenta-se basicamente em tudo o que se pode vincular à cultura.

A memória histórica, através da documentação e informação advindas do Livro de Atas, serve como um mapa descritivo de uma gama diversificada de assuntos relacionados à vida intelectual brasileira, das influências recebidas e das propostas de preservação da cultura nacional como um bem inalienável. Nesta dissertação foi organizada, de forma sistêmica, uma base de dados, reunindo os atores do período histórico estudado e retratando aspectos da vida cotidiana da instituição. A organização destes dados permitiu recortes, destacando a opinião dos acadêmicos, registrando datas comemorativas, votos de pesar e de louvor, os tradicionais prêmios e a implantação de comissões, entre outras questões internas.

Este trabalho é constituído de sete capítulos, sendo o primeiro a Introdução, seguida do capítulo referente aos objetivos da pesquisa. No terceiro capítulo procura-se delinear a trajetória da Ciência da Informação e seu aspecto interdisciplinar, facilitador ao estudo de assuntos de diversificadas áreas do conhecimento humano. O quarto capítulo trata da metodologia adotada para a elaboração e análise do tema estudado através da criação de uma base de dados, fundamentada nas propostas da Ciência da Informação, procurando sistematizar o ciclo informacional da Instituição nos anos 1920 e 1921. O quinto capítulo, lócus da pesquisa, traça um histórico da Academia Brasileira de Letras desde a sua fundação, com um resumo do universo estudado para facilitar a contextualização dos assuntos analisados. Informação e memória são o foco da maioria das discussões plenárias e razão da existência da Instituição. A cultura organizacional da instituição, que tinha como principais atores os quarenta integrantes do quadro de sócios efetivos e os cinco funcionários que prestavam serviço constante, mescla-se à preservação da cultura nacional. No sexto capítulo, análise de dados e resultados, discorre-se sobre os resultados obtidos a partir dos assuntos considerados mais relevantes, assim como dos protagonistas e atores neles envolvidos. A análise detém-se aos anos de 1920 e 1921, partindo das primeiras atas datilografadas pela Instituição, como marco para o início da pesquisa.

O sétimo capítulo, das conclusões finais, analisa os resultados da pesquisa e de que forma a proposta de estudo das atas pode representar um veículo de restituição da memória. Também é registrada a vastidão do universo estudado, e a possibilidade existente para futuras pesquisas.

## **2 OBJETIVOS**

O objetivo geral deste trabalho é o de investigar o Livro de Atas das Sessões da Academia Brasileira de Letras nos anos de 1920 e 1921, através da análise da comunicação dos acadêmicos para identificar fatos e ações que marcaram a vida da Instituição no início da década de 1920.

O objetivo específico é o de analisar o conteúdo das Atas da ABL, focando nas comissões instituídas pelos acadêmicos durante o período estudado.

### 3 MARCO TEÓRICO

A Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) realiza periodicamente o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, que reúne pesquisadores da área em grupos temáticos de trabalho. Em 2010, o tema central foi “Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação”, e contava com dez grupos temáticos, sendo “Informação e Memória” um deles. Este grupo destinava-se ao estudo da relação transdisciplinar das áreas da Ciência da Informação e da Memória Social, envolvendo conceitos, teorias e práticas para o estudo de representações sociais e conhecimento, como memória coletiva, coleções e colecionismo, discurso e memória. (ALMEIDA; DUARTE, 2011)

Vinculada ao fenômeno da memória, a informação funciona como inspiração, como estímulo às lembranças de indivíduos ou grupos e, segundo MOLINA e VALENTIM (2011), é recurso imprescindível para a sobrevivência da sociedade. Tudo depende do fluxo e da organização dos sistemas de disseminação e preservação da informação, geradores dos fenômenos da memória, para sua manutenção e reconstituição. A memória tem como característica a sua diversidade de possibilidades para armazenamento do passado, de acordo com a cultura dos grupos a que se refere. (LE GOFF, 2003, p.427) Considerando-se que memória é o saber criado e socialmente construído, a mensagem ganha *status* de memória de acordo com os atores envolvidos neste processo e de como esse conhecimento é percebido, valorizado e gerenciado.

Poucos são os trabalhos vinculados ao estudo das Atas de instituições brasileiras e do seu manancial de informações realizados através do viés da Ciência da Informação. Entre esses estudos destaca-se a dissertação de mestrado de Alexandre Medeiros Correia de Sousa, intitulada *Estudo de uma experiência de fluxo informacional científico no Instituto Oswaldo Cruz: a Mesa das Quartas-Feiras*.<sup>5</sup> A pesquisa realizada demonstra e comprova que, no início do século XX, o foco na documentação apresentou um grande avanço, a partir de reflexões e ações voltadas

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.arca.fiocruz.br/xmlui/handle/iciict/6336>. Acesso em: 30/ago./2014. SOUSA, A. M. C. *Estudo de uma experiência de fluxo informacional científico no Instituto Oswaldo Cruz: a "Mesa das Quartas-feiras"*. 2006. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2006.

para o tratamento da informação nas instituições científicas. Já em 1909, o Instituto Oswaldo Cruz implementa, entre seus cientistas, um sistema de disseminação de informação baseado na leitura sistemática de um resumo semanal de artigos de periódicos científicos recém-chegados à biblioteca, para que todos pudessem atualizar-se quanto as suas frentes de pesquisa. O estoque informacional oferecido pelas reuniões semanais permitia a análise do fluxo e a sistematização da informação em um ambiente científico, ressaltando a importância das necessidades modernas de formas de acesso e difusão da informação no ambiente da Instituição como seu papel estratégico.

Outro estudo sistemático de Atas institucionais foi o trabalho realizado por Claudio Cezar Henriques, *Atas da Academia Brasileira de Letras – presidência de Machado de Assis (1896-1908)*,<sup>6</sup> com apresentação do professor, filólogo e acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Esta edição crítica das Atas acadêmicas, que inclui as sete sessões preparatórias e as seis imediatamente subsequentes à morte de Machado de Assis, analisa as intervenções metalinguísticas feitas pelos acadêmicos e interpreta as relações institucionalizadas a respeito do tema língua e sociedade. A proposta foi a de disponibilizar textos confiáveis a investigações de pesquisadores interessados pela história e desenvolvimento da Instituição, destacando-lhe aspectos pouco conhecidos.

Por se tratarem de textos escritos e transcritos, para o estudo das Atas da Academia Brasileira de Letras nos anos 1920 e 1921, foi utilizado o procedimento de análise de conteúdo definido por Bardin como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p.42)

Segundo Valentim (2005, p.126), a análise léxica e a análise categorial são as duas principais técnicas da análise de conteúdo:

- **Análise léxica:** Analisa as unidades vocabulares e portadoras de sentido (palavras - substantivos, adjetivos, verbos, etc.) e permite a obtenção de indicadores, quantificando as ocorrências de vocábulos e comparando-os

---

<sup>6</sup> *Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência de Machado de Assis (1896-1908)*. Claudio Cezar Henriques. Col. Austregésilo de Athayde. Ed. ABL. 2002. 228p.

com outros textos, identificando o repertório léxico do sujeito de estudo e de outros sujeitos escolhidos.

- **Análise categorial:** Classifica o conteúdo em categorias em que os critérios de escolha e de delimitação orientam-se pela dimensão da investigação dos temas relacionados ao objeto de pesquisa, identificados nos discursos dos sujeitos pesquisados. A análise categorial permite analisar os significados da comunicação, estejam estes explícitos ou não, através da compreensão e interpretação do pesquisador.

Segundo Freitas, Cunha e Moscarola (1996, p.4-5), os objetivos de uma análise de conteúdo podem ser definidos em seis categorias, considerando-se o contexto da pesquisa, os aspectos da matéria-prima da análise e das inferências pretendidas:

- **Quem fala?** – Investiga quem emite a mensagem, inferindo-se no texto as características do emissor (a mensagem representa o emissor).
- **Para dizer o quê?** - Realiza-se uma análise temática, estudando as características semânticas da mensagem.
- **A quem?** – Infere-se no texto características do destinatário da mensagem.
- **De que modo?** – Foca-se no meio de suporte à comunicação, seus códigos, estilo e estrutura, inferindo-se características do formato da comunicação.
- **Com que finalidade?** – Novamente foca-se no emissor, mas especificamente para entender as finalidades da mensagem, sejam estas explícitas ou ocultas.
- **Com que resultados?** – Exploram-se os resultados e consequências da mensagem, possibilitando a comparação entre os objetivos (fins) da mensagem e os resultados obtidos.

A maneira de trabalhar a informação, sistematizando processos para organização de documentos e estabelecendo metodologias e técnicas para solucionar a questão da recuperação, do acesso e da circulação da informação era o objetivo proposto pelo cientista belga Paul Otlet. Através da tecnologia de sua época, Otlet idealizou a universalização do acesso ao conhecimento e liderou, junto com Henry La Fontaine, o Movimento Bibliográfico ocorrido na Europa no final do século XIX e início do XX. Seu trabalho ampliou o conceito de documento, estabeleceu novos sistemas de tratamento e recuperação da informação, estruturou redes internacionais de cooperação para a coleta e disseminação da informação.

Otlet contribuiu no desenvolvimento de metodologias para análise e síntese do conhecimento, como o Princípio Monográfico, método de organização baseado no conteúdo dos documentos. Considerava que os documentos continham imperfeições, erros e repetições, e que transmitiam tanto conhecimentos falsos quanto verdadeiros. Otlet também fez referência à dispersão das informações e, para superar esse problema, propôs: “A extração da massa inumerável dos livros e dos conhecimentos verdadeiros, eliminando os erros e as repetições, ordenando-os de maneira que fiquem dispostos em série e que se separe o principal do acessório.” (OTLET, 1934, p.373, *apud* SANTOS, 2006, p.87).

Em 1945, após o término da II Guerra Mundial, Vannevar Bush (1968), cientista norte-americano, preocupado em tornar o conhecimento humano cada vez mais acessível, formulou conceitos que se identificariam diretamente com os interesses da futura Ciência da Informação e sua interdisciplinaridade com profissionais dedicados à tecnologia da informação. Diagnosticou a dificuldade cada vez maior do desenvolvimento científico diante dos ineficientes sistemas de produção, organização, acesso, recuperação e disseminação da informação, que não conseguiam acompanhar o grande crescimento do conhecimento humano. Alertou para a perda de conteúdos e o risco de uma consequente duplicação de pesquisas.

O problema não se restringia ao aumento quantitativo das informações, mas na maneira de processá-las, na demanda de pesquisas e experiências que dependiam de procedimentos eficazes para circulação de informação. Para gerenciar este problema, faltavam novas metodologias, instrumentos e máquinas. A partir desse cenário, Bush procura por soluções sobre qual a maneira eficiente de armazenar e recuperar o conhecimento humano. Como impedir que uma informação relevante passe despercebida em meio a uma abundante geração de conhecimento? Como mecanizar o registro de ideias e experiências de forma a não estacionar no tempo em função da limitada capacidade de memória?

Ao sugerir uma nova forma de pensar a informação para transformá-la em conhecimento, Bush inseriu a noção de associação de palavras e conceitos na organização da informação e acabou por descrever a ideia do que conhecemos hoje por hipertexto. Também considerava que o registro de ideias precisava, além do seu armazenamento em algum lugar, ser consultado. Sua visão é extremamente

importante para a Ciência da Informação, pois além dos aspectos já citados, Bush destacava a necessidade de uma maior facilitação e agilização do registro, alertando para o problema de localização da informação, consequência da superficialidade dos sistemas de indexação adotados na época. Foi assim que idealizou um mecanismo para automatizar as ações de armazenar, indexar e recuperar conhecimento, chamando seu aparelho de Memex (*Memory Extension*).

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade. Está relacionada ao corpo de conhecimento sobre origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. (BORKO, 1968, p.12)

Ranganathan, matemático e bibliotecário, por sua vez, estabelece os princípios da análise e da catalogação, elaborando postulados para a representação do conhecimento através dos conceitos de ideia, informação, conhecimento e assunto. Ele também introduziu o conceito de categorias para representar um dado domínio de conhecimento. Segundo ele, ideia é um produto do pensamento que, com a ajuda da lógica, seleciona conjuntos de representação, tanto os manifestados pela intuição ou diretamente identificados pela memória. A informação, que pode ser compartilhada e/ou obtida a partir do estudo pessoal e da investigação, torna-se conhecimento e, sistematizada, incide de forma coerente no campo de interesse e de competência intelectual. (RANGANATHAN, 1967, p.92 *apud* CAMPOS; GOMES 2003, p.153). O universo do conhecimento torna-se, não só um lugar de conservação, mas também espaço que possibilita um repensar constante sobre a apreensão do conhecimento humano. Através de sua teoria, Ranganathan propõe uma nova forma de organização para o universo dos assuntos, através da representação da árvore Baniana, em que as temáticas de um determinado tema podem ser analisadas com uma abrangência conceitual muito mais ampla do que a restrita a sua raiz ou núcleo, abrindo-se a diversas áreas de conhecimento com as quais se relaciona. Do tronco da árvore Baniana, formam-se troncos secundários, ramos, sinalizando a pluralidade de possibilidades para o tratamento de um único assunto, diante das diversas áreas de conhecimento.

Na verdadeira árvore de assuntos, um ramo é enxertado no outro em muitos pontos. Raminhos também se enxertam entre si de modo semelhante. Os ramos de um tronco se enxertam em outros de outro tronco. É difícil dizer a que tronco pertencem tais ramos. Os troncos se enxertam entre si. Mesmo

então, o quadro da árvore não está completo. É muito mais complexa do que todos estes. (RANGANATHAN, 1967, PL 3, apud CAMPOS; GOMES, 2003, p.158)

Robredo (2003, p.44) argumenta que pioneiros da organização do conhecimento como Otlet e Ranganatham, ao introduzirem um novo conceito para documentação, introduzem também um novo paradigma, e criam a primeira formulação do que seria a Ciência da Informação, como resultado dos trabalhos e debates realizados nas conferências do Geórgia Institute of Technology (Georgiatech), realizadas em 1961 e 1962. Poucos anos depois, Borko (1968) amplia o conceito da Ciência da Informação, considerando que esta ciência também trabalha com as representações da informação, o uso de códigos para uma eficiente transmissão de mensagens, o estudo dos serviços e técnicas de processamento da informação e seus sistemas de programação. Borko também faz referência à interdisciplinaridade da Ciência da Informação, uma ciência que recebe contribuições de várias áreas, ao mesmo tempo em que contribui com subsídios para outras diversas áreas do conhecimento.

Segundo Tolmasquim, Magno & Lino (1998, p.5) uma forma de classificação relacionando o cronológico com o disciplinar advém da necessidade de muitas vezes caracterizar-se um texto pelo período e área do conhecimento. Contextualizando um trabalho em determinada área do conhecimento e privilegiando-se um determinado período de tempo pode-se inserir informações em uma classificação cronológica, criando-se, concomitantemente, conceitos para os eventos, na intenção de indexá-los de forma sistemática em uma classificação disciplinar.

Para Ziman (1968), o verdadeiro objetivo de qualquer pesquisa científica deve ser o de contribuir para o consenso de um conhecimento universalmente aceito. O conhecimento científico, o resultado de pesquisas, são informações que precisam ser trocadas, pois a forma como a pesquisa é apresentada à comunidade científica, as críticas e as citações de outros autores, tudo isso contribui para o aprofundamento de ideias. Sem comunicação científica, sem a disseminação do conhecimento científico, não há ciência. A atividade acadêmica de investigação gera a necessidade de difundir e compartilhar informações sobre os resultados, métodos e processos, avaliados por estudiosos que dependem de comunicação informal e formal, tanto a nível local como em escala mundial.

Desde o surgimento da Ciência da Informação têm sido pesquisadas novas tecnologias da informação destinadas à recuperação, organização e representação da informação, assim como a transmissão, armazenamento, preservação e acesso à informação. Os cientistas da informação têm considerado a necessidade de uma especificação de temas, bem como o desenvolvimento de um sistema onde se possa compreender o nível de relação de seus assuntos próprios e os adquiridos de outras disciplinas.

A partir da década de 1970, com o desenvolvimento dos produtos e serviços de informação e o crescimento dos mercados tecnológicos, o tratamento automatizado dos sistemas informacionais experimentou novas formas de incorporação, dando ênfase, por exemplo, nos modelos de usuários. Na década de 1980 surgem novos temas e abordagens sociológicas e antropológicas, que passam a se empenhar na busca de uma definição emancipatória do valor educacional e democrático da informação.

Nesse contexto, Saracevic vê a Ciência da Informação como qualquer outra disciplina, sendo o seu diferencial, apenas, os métodos escolhidos para o tratamento da informação.

Ciência da Informação é um campo dedicado à pesquisa científica e à prática profissional para lidar com as questões vinculadas à comunicação eficaz de registros de conhecimento entre os seres humanos no contexto das necessidades sociais, institucionais e/ou individuais de informação. Ao abordar estes problemas destaca interesse particular em aproveitar, o máximo possível, os moldes da tecnologia da informação. (SARACEVIC, 1995, p.37).

Também a interdisciplinaridade da Ciência da Informação é destacada por Saracevic, principalmente quando enfatiza a Tecnologia da Informação como promotora do processamento e da recuperação da informação. Mas acima de tudo Saracevic reforça a ideia da informação como resultado de um processo cognitivo humano que precisa ser compartilhada para sua própria legitimidade.

Em meados da década de 1990, González de Gómez (2000) registra a intensificação da relação entre informação e conhecimento, atrelada aos novos conceitos de gestão do conhecimento e inteligência social e organizacional. Esses novos conceitos deslocam a centralidade temática da informação científico-tecnológica, promovendo a migração de tecnologias e estratégias de tratamento e recuperação da informação para novos cenários organizacionais. Reutilizando-se estoques organizados para novas funções de diagnóstico, controle e monitoramento

da informação, a relação entre informação e texto é reativada, explorando as novas possibilidades da hipermídia, do hipertexto, síncronas e assíncronas, nas novas formas de trabalho intelectual cooperativo. Novas relações com o discurso e a leitura exploram novas interfaces, preparadas pelas interações entre as novas tecnologias de informação.

González de Gómez (2000) afirma que a progressão de uma pesquisa acontece quando ela produz excedentes de informação em relação ao estado prévio de conhecimento do campo. A zona que define a progressão dos programas de pesquisa não é, porém, tanto o núcleo, mas sua periferia, que é a zona mais produtiva, dado que dela surgirão os excedentes informacionais que renovam o escopo e abrangência do programa. Essa afirmação reitera a relevância das Atas da ABL como fontes de excedentes informacionais, que possibilitam um campo frutífero de informações.

Este trabalho não lidou com fontes diversas de materiais de pesquisa, fixando-se apenas no Livro de Atas da ABL, onde todos os atores envolvidos aparecem citados, gerando uma pesquisa sob uma ótica construtivista. Os fatos sociais, as sessões, geram projetos, eventos, produtos culturais, publicações, documentos etc. e através deles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Procurou-se enfatizar os processos e atores que interagem no trabalho de constituição e de formalização das memórias, não me aprofundando no contexto qualitativo das análises, subentendidas e constatadas através da análise do discurso.

A Academia Brasileira de Letras foi criada com identidade própria já estabelecida desde a sua fundação, tendo sido um retrato do Brasil da época. Desde sua fundação em 1897, o grupo de intelectuais que a ela pertenciam sempre enfatizaram como funções principais da instituição a defesa dos direitos e deveres da língua e das letras nacionais. À época, o Brasil possuía uma população de cinco milhões de habitantes, dos quais só 30% sabiam ler. E a ABL surge, fruto de uma jovem elite intelectual que buscava transmitir o conhecimento e angariar os eruditos para instruir as massas.

A memória, considerada como uma reunião de acontecimentos e de interpretações do passado que se pretende preservar, define e reforça o sentido de pertencimento entre coletividades. É a referência ao passado que serve para manter a coesão dos grupos e das instituições. A análise das Atas da ABL partiu desse

pressuposto, procurando o que o grupo possuía como memória comum, um quadro de referências (POLLAK, 1989, p.8), e desenvolvendo um trabalho de enquadramento da memória do grupo, com determinados limites, pois não poderá ser construída arbitrariamente. Neste trabalho de enquadramento da memória, estão também inseridos os atores da história da ABL que são, principalmente, os seus membros e as organizações que gravitam em volta das atividades desenvolvidas pela instituição. O controle da memória, neste caso, foi pautado pela descrição dos assuntos destacados nas Atas, que também denotam a preocupação com o controle da memória da própria Academia Brasileira de Letras e que lhe possibilitou manter, até os dias de hoje, sua proposta inicial. Encontramos os acadêmicos opinando e se alinhando em torno de temas do mesmo modo como os tratavam desde o início do século XX, envoltos em um formato mais contemporâneo.

Como afirma Pollak (1992, p.2), a memória, além de possuir característica flutuante e mutável, também possui marcos, pontos relativamente invariantes e imutáveis, como a permanência do chá dos acadêmicos todas as quintas-feiras, por exemplo. Na análise do Livro de Atas pode-se constatar que a ordem cronológica não é necessariamente obedecida e, por várias vezes, ocorre nas sessões o retorno a assuntos, a determinados períodos históricos ou a certos fatos que possuem característica algo de invariante. São memórias construídas com elementos que se tornam irredutíveis, quando o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Certos elementos passam a fazer parte da própria essência da instituição, mesmo que acontecimentos e fatos possam vir a se diferenciar em função dos atores, ou do momento. Deste modo, podemos considerar que a Academia é uma instituição que, desde a sua fundação, é dotada de memória e historicidade.

Considerando-se que no período estudado os acadêmicos eram figuras públicas representativas da elite intelectual e política brasileira, podemos arrolar suas ações na ABL com o Senado, a Câmara dos Deputados, entre outros locais constitutivos da força geradora da política nacional, assim como o intercâmbio de informações entre instituições nacionais e internacionais dedicadas ao cultivo da memória. Comissões são designadas para atos públicos, solenidades e celebrações de acontecimentos que envolvem pessoas, lugares, espaços de memória de um dado tempo histórico de uma sociedade. Não se trata apenas de um grupo fechado em seu próprio universo, mas de uma instituição que interage com outras

instituições, que sugere alterações de procedimentos legais ao governo, e enaltece feitos e lugares de apoio à memória. Os monumentos aos mortos, sugeridos para homenagear Machado de Assis, Olavo Bilac, Joaquim Manuel de Macedo, são exemplo desta preocupação com a imortalidade da memória, servindo como uma relembração de um determinado fato histórico e cultural. Cultuar vultos do passado, de acordo com as propostas apresentadas em várias sessões, homenageando os antecessores, funciona como uma forma de reforçar o pertencimento dos mais novos na agremiação ao grupo a que pertencem. A cada acontecimento celebrado encontramos vestígios datados de memória, como no caso das efemérides acadêmicas, que se encarregam de traçar uma reconstrução da memória.

A ABL foi organizada com componentes coerentes em sua linha de trabalho, enfatizando desde o início a tradição, para a preservação da cultura consolidada nacional. Apesar disso, seu grupo de quarenta integrantes por certo possuíam ideias e valores divergentes, e podemos buscar, nos discursos, nas Atas, quais os legitimamente envolvidos com determinadas atividades. A proposta deste trabalho é reconhecer quais os temas que mais mobilizavam as sessões, a manifestação de cada um dos membros que, reunidos, retratam a identidade da agremiação formando uma memória constituída (POLLAK, 1992, p.6). A aglutinação de determinados atores em torno de um tema comum pode ser bem percebida quando analisada a composição das comissões permanentes e especiais da Academia.

## 4 METODOLOGIA

Se a memória é um fenômeno construído, toda documentação também o é. E a fonte escrita não deve ser tomada tal e qual ela se apresenta. O trabalho do pesquisador parte de alguma fonte para uma reconstrução do passado. E há uma multiplicidade de objetos que podem interessar. Nessa pluralização, Pollak (1992, p.10) sinaliza o risco do cruzamento de informações, a partir de fontes diferentes, que podem ser irrelevantes, e afirma que o pesquisador deve “focar nas questões mais sólidas, no que é de mais fácil identificação como sendo verdadeiro”. Este trabalho tomou como ponto de partida essa afirmação. Para a coleta e análise dos dados, foi utilizado o Livro de Atas da ABL e, como fonte de consulta secundária os *Discursos Acadêmicos*, os *Anais da Academia Brasileira de Letras* e documentos encontrados no Arquivo da ABL. De cunho descritivo exploratório e natureza quantitativa, a pesquisa desenvolvida tem como sujeitos participantes e atores desse universo, os acadêmicos, seus projetos e atividades. Definidos os critérios para seleção dos temas principais, estes foram então sintetizados em conceitos resumidos.

A primeira etapa deste trabalho, que levou um período de aproximadamente quatro meses, consistiu na conversão, para doc.Word, das Atas da ABL dos anos de 1920 e 1921, que estavam microfilmadas e salvas em formato digital de imagem doc.tif. Foram digitalizadas 381 laudas no formato A4 e, durante o processo, corrigidos os erros comuns à conversão de imagem para doc.Word. Isso possibilitou a inserção da informação em uma base de dados a fim de que estes dados pudessem ser processados, buscando segmentar em temas e categorias os assuntos mais relevantes. Durante todo o processo de elaboração deste trabalho, foram realizadas pesquisas em fontes bibliográficas e documentais como livros, periódicos e documentos relativos à vida da Academia Brasileira de Letras e dos acadêmicos.

Para a coleta dos dados foram elaboradas planilhas contendo resumos dos temas focados, com seus protagonistas diretamente envolvidos e demais atores. A partir daí, a ortografia foi atualizada para evitar possíveis enganos na quantificação da informação. Da mesma forma, os nomes dos acadêmicos foram normatizados, pois havia divergência de grafia no Livro de Atas. Conforme a coleta de informações se processava, através de uma análise por critérios de relevância, descobriam-se os

“núcleos de sentido” (BARDIN, 1977, p.105) e com os temas e categorias sendo refinados, pôde ser desencadeado um processo de listagem de conteúdo mais sistematizado. Seguindo como procedimento o método da análise de conteúdo proposto por Bardin (1977, p.45), após a coleta dos dados referentes aos temas, teve início a análise categorial, segmentando-os em categorias. No tratamento dos temas foram encontrados os interesses, destaques, valores vigentes naquele período, representativos ou não da maioria dos membros da agremiação acadêmica. Também foram constatados quais os membros mais interessados em determinadas áreas específicas.

Ao adotar uma abordagem quantitativa, foi constatada a presença de dados que se interconectavam com uma abordagem qualitativa. Em muitos casos, no decorrer do trabalho, as análises quantitativas eram enriquecidas com argumentos, trechos e citações. A análise textual encontra-se presente durante todo o processo, pois foi através dela que os dados foram retirados e, conforme sua classificação, tematizados para criação de uma matriz de dados quantitativa, sistemática.

Cada vez mais forte é a tendência de que uma pesquisa quantitativa, mais objetiva, deve ser precedida de uma atividade mais subjetiva, qualitativa, que permita melhor definir o escopo e a forma de focar o estudo. Também tem sido consenso que, mesmo sendo objetiva em sua essência, sempre se pode recorrer a algum tipo de opinião mais espontânea ou aberta, de forma a captar “um algo mais” da parte do respondente. (FREITAS; JANISSEK; MOSCAROLA, 2004, p.3).

Enquanto a análise qualitativa se baseia na presença ou ausência de uma determinada característica e a análise quantitativa busca identificar a frequência dos temas, palavras, expressões ou símbolos considerados mais frequentes, a noção de relevância deve ser clara em qualquer uma dessas análises. Numa determinada etapa da pesquisa, diante da análise e avaliação acerca da relevância de determinados temas para seleção em categorias específicas, foi constatado que, se retratados fielmente todos eles, haveria alguns de pouca relevância.

Freitas afirma que:

A análise de documentos, sejam eles originários de pesquisas quali ou quantitativas, inclui análise léxica e análise de conteúdo. Apresentam um conjunto de características racionais, sendo mais ou menos intuitiva, pessoal e subjetiva. (FREITAS, 2011, p. 12)

Seguindo a proposição acima, foi utilizado, na medida do possível, o conjunto destas técnicas de análise de texto, na esperança de produzir novos dados que pudessem, por sua vez, disponibilizar resultados significativos. O procedimento com

a fonte de dados foi inicialmente determinado pelos dias e pela frequência de presença dos acadêmicos nas sessões. A seguir, foram inseridos os acontecimentos diários, assim como os seus protagonistas. A exploração, então, se deu através de resumos, cujos títulos viabilizaram a quantificação dos temas, permitindo uma melhor compreensão e interpretação do conteúdo das categorias analisadas.

Foram estabelecidos temas e consolidados os dados, dando seguimento ao trabalho da análise de conteúdo de acordo com as etapas sugeridas por Bardin (1977, p.95): pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados.

Alguns objetivos da pesquisa foram previamente definidos de forma bastante precisa, como quantidade de participantes por sessão, quantidade de sessões por semana, e assuntos de maior destaque, enquanto outros foram se constituindo ao longo da investigação. Deste modo, foi descrito e analisado, de forma objetiva, sistemática e quantitativa, o conteúdo das Atas da ABL, procurando representar os interesses e ações dos acadêmicos no período estudado. Através do comportamento de cada ator em relação à determinada informação ou tema, foi possível verificar o papel de cada protagonista e analisar o comportamento informacional de cada um deles, focando em uma sistematização aplicada ao grupo, identificando a relação entre os temas e a realização de projetos e eventos programados pela instituição.

Essa pesquisa levou em consideração que a cultura organizacional representa grupos sociais que “se constroem e reconstroem nas relações cotidianas de uma organização e que se expressam em termos, valores, normas, significados e interpretações, visando um sentido de direção e unidade” (FREITAS, 2005, p.97). A Academia Brasileira de Letras, enquanto instituição, possui uma estrutura atrelada a um conjunto de significados compartilhados. Uma cultura organizacional é a base que movimenta as ações dos atores envolvidos, os acadêmicos, regendo seu comportamento no ambiente organizacional.

Segundo Collares (2002, p.46-47) a cultura organizacional é constituída dos seguintes elementos:

- **Valores:** Criados, na maioria das vezes por seus fundadores, expressam o comportamento de uma organização, constituindo sua essência, fornecendo um senso de direção comum.

Os valores organizacionais da ABL são representados pelos componentes coerentes de sua linha de trabalho, que enfatiza a tradição, para a preservação da cultura consolidada nacional. Sobre o assunto, este trecho do prefácio de Afrânio Peixoto ao livro *A Academia Brasileira de Letras – Notas e documentos para sua história (1896-1940)*, de Fernão Neves, é bem representativo:

Ordem, maneiras, decência, bons costumes, polidez, boa elocução, hábitos de pensar, dizer e escrever com correção, um dicionário padrão, uma gramática modelo, - gramática, arte de dizer bem, na voz ou na escrita, o que foi bem pensado... não é pouco para a finalidade das academias... Daí o prestígio delas. Daí as repetidas tentativas da “nossa”, de que a atual, Academia Brasileira, é avatar. Se desaparecer, um dia, outra virá. É um órgão necessário da boa sociedade. (NEVES, 2008, p.23)

- **Crenças e pressupostos básicos:** É o que a organização acredita ser verdadeiro e estão presentes de forma implícita. É o comportamento, a personalidade e o jeito de ser da instituição.

Baseada em seus valores organizacionais, a ABL tem como principal crença ser a guardiã da cultura e da língua falada no país, trabalhando com todo o desvelo e toda a diligência possível para estabelecer as regras de correção da nossa língua.

- **Ritos, rituais e cerimônias:** São as atividades sequenciais, planejadas, que ocorrem dentro das organizações com objetivos específicos, tornando a cultura mais visível à sociedade como um todo e reforçando os principais valores da organização.

Das atividades existentes na ABL, as sessões das quintas-feiras, as posses acadêmicas e as sessões solenes constituem-se as mais relevantes.

- **Estórias e mitos:** As estórias são narrativas de eventos ocorridos que informam sobre uma instituição, reforçam e enfatizam o comportamento existente ajustando-o ao ambiente atual. Os mitos se referem a estórias consistentes com os valores da organização, porém, não sustentadas por fatos.

As estórias e mitos da Academia podem ser encontrados em discursos, citações, assim como em alguns momentos das sessões. O caráter sigiloso das sessões faz com que elas se tornem um mito.

- **Tabus:** É tudo aquilo que não é permitido na organização, ou seja, os assuntos polêmicos e críticos que são tratados de forma oculta e pouco falados mesmo entre seu público interno.

Os mitos já descritos transformam-se em tabus quando ocorrem as solicitações, durante a sessão, para que as pessoas presentes se retirem da Sala de Sessões, permanecendo apenas os acadêmicos.

- **Heróis:** Personificam os valores e condensam a força da organização. São os responsáveis pela criação da organização, pois têm a coragem e persistência de fazer aquilo que todos almejam.

Exemplo clássico é a figura de Machado de Assis. Sua relevância se amplifica de tal forma que a ABL é conhecida como a “Casa de Machado de Assis”. Outros heróis são homenageados, são construídos monumentos, medalhas, e as efemérides reforçam a celebração da imortalidade.

- **Normas:** São as regras impostas pela empresa que definem os comportamentos considerados como corretos e que devem ser seguidos por todos. Em sua maioria, as normas são abertamente esclarecidas, conhecidas e faladas.

Na ABL, as normas da instituição são regidas pelo Regimento Interno e pelo Estatuto da ABL. (Anexo B)

- **Comunicação:** Como último elemento da cultura organizacional, a comunicação se baseia na troca de informações, que pode ser informal, por meio de conversas, ou formal, por meio de entrevistas e reuniões. No período estudado, a troca de informações limitava-se aos próprios acadêmicos, disseminada através de conversas informais e na relação formal entre as diversas comissões.

Cada nível organizacional possui uma cultura e um comportamento. Neste trabalho foi eliminada a análise da estrutura organizacional da Academia Brasileira de Letras, dando-se ênfase ao grupo dos acadêmicos presentes às sessões cujos elementos, com seus comportamentos informacionais, influenciam o comportamento de todos os envolvidos. Conseqüentemente, a instituição baseia suas condutas a partir do que lhe é apresentado no ambiente organizacional. Pollak (1992, p.7) assinala que assistimos a um interesse renovado, nas ciências humanas e na

história, pela ligação entre memória e identidade, o que pode ser comprovado com o aumento de publicações sobre o assunto, que utilizam métodos muito diferentes, tais como a análise das comemorações, dos lugares, mas também a análise dos discursos, de textos, de entrevistas e de histórias individuais.

Essa afirmação auxiliou o entendimento da identidade da ABL e facilitou o trabalho desenvolvido na coleta de dados, diante dos aspectos relacionados à troca de informação e conhecimento entre os acadêmicos. De certa forma esses aspectos influenciam comportamentos e atitudes no contexto da instituição, gerando projetos, comissões, grupos de trabalho e intercâmbio com agremiações nacionais e internacionais. O Livro de Atas tem registradas informações a respeito de diversas variáveis – atores, protagonistas e temas. Foram considerados, no universo das sessões, como protagonistas, os responsáveis pela formalização de propostas, e como atores os acadêmicos que desenvolveram ponderações a respeito dos temas. As ponderações feitas sobre essas propostas apresentadas e a decisão, por votação, sinalizam o zelo da organização pelos valores corporativos. Toda esta variedade de fatores foi considerada na identificação de alternativas para seleção dos temas destinados à análise do conteúdo das atas.

Considerando-se que os indivíduos não estão alheios ao ambiente que os cerca, tampouco ao modo como a organização e a cultura interferem em seu comportamentos e na maneira como interpretam essa realidade, Freitas (2005, p.88) ressalta que “o indivíduo se liga a uma organização por vínculos não apenas materiais, mas também afetivos, imaginários e psicológicos”. Trata-se de um fato concreto, no caso da ABL, uma instituição de onde seus membros somente se retiram quando morrem.

[...] a imagem que ela transmite é de grandeza, onipotência, consenso, perfeição, lugar de realização de desejos e das expectativas de seus membros e do público externo. Essa imagem será vivida, ainda que parcialmente, pelos membros como uma crença e uma ilusão que apaziguam e embalam o desejo de sentir-se seguro, protegido, amado e prestigiado. (FREITAS, 2005, p.109)

Na análise e seleção das categorias específicas, optou-se pela eliminação dos temas considerados de pouca relevância, sem uma continuidade lógica cronológica, esporádica, como temas organizacionais relativos a contas e finanças, à herança Francisco Alves e correspondências diversas. Foi constatado que os processos de geração e uso das informações partiam invariavelmente das

comissões, divididas em Comissões Permanentes e Comissões Especiais. As Comissões Permanentes eram constituídas pela Comissão de Contas, Comissão de Bibliografia, Comissão de Redação, Comissão de Publicações, Comissão de Lexicografia. Vale observar que, dentre estas cinco comissões, foi excluída a análise da Comissão de Contas. As Comissões Especiais, designadas pelo Presidente da Academia ou por votação eram constantemente criadas para o desenvolvimento de projetos.

## 5 LÓCUS DA PESQUISA – A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

A Academia Brasileira de Letras, instituição cultural sediada à Av. Presidente Wilson, no centro da Cidade do Rio de Janeiro, funciona, desde a sua fundação, com o objetivo primordial do cultivo da língua e da literatura nacional. Compõe-se a instituição de quarenta membros efetivos e perpétuos, e vinte sócios correspondentes, de nacionalidade estrangeira. Inaugurada em 1897, em uma sala do Pedagogium, só conseguiu sua sede própria em 1922, o Petit Trianon, doado à ABL pelo governo francês.

A seguir, alguns detalhes acerca da criação e identidade da Academia, traçando um histórico da instituição até os anos 1920 e 1921.

### 5.1 Considerações históricas da ABL

A partir da Independência do Brasil, diminui o enaltecimento à influência de Portugal na vida brasileira e, progressivamente, até a Proclamação da República, essa retórica se modifica, numa tentativa de distinguir a história do Brasil com uma identidade verdadeiramente nacional. Várias agremiações se formaram neste período, reunindo a nata da intelectualidade, entre elas o Grêmio de Letras e Artes, no Rio de Janeiro, em 1887. Recém-fundado, Machado de Assis foi convidado para presidi-lo, mas declina ao convite, alegando que sua reeleição para a diretoria do Clube Beethoven<sup>7</sup> o impossibilitava de aceitar, por dispositivo estatutário da agremiação, encargo de direção em associação análoga. Em 1892, Araripe Júnior e Raul Pompéia fundam o Clube Rabelais,<sup>8</sup> com uma agenda de um jantar mensal em que se reuniam escritores e artistas. Muito frequentado e barulhento, Nabuco, Taunay e Machado não quiseram aderir.

<sup>7</sup> Clube Beethoven – Inaugurado em 4/01/1882, abrigava saraus com os principais nomes da música clássica em uma casa no Catete. Com a admissão de Machado de Assis, um apaixonado por Xadrez com uma posição destacada nos círculos enxadrísticos do Império, é possível que o local tenha construído uma seção de jogos. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=7950&sid=593>. Acesso em: 18/jun./2015.

<sup>8</sup> Clube Rabelais – Inaugurado em agosto de 1892 em um jantar no restaurante Stadt München, no Largo do Rocio, hoje Praça Tiradentes, sem estatutos, nem sede, nem diretores consistia na organização de um jantar mensal que reunisse homens de letras e artistas para uma hora de agradável convívio. Os jantares e encontros sempre variavam de local, sem sede definida. (CASCUDO, 2015)

José Veríssimo foi um dos incentivadores dessas agremiações entre os intelectuais, que possuíam das mais variadas posições políticas, e frequentemente se encontravam na sede da *Revista Brasileira*, à Travessa do Ouvidor, nº 31. O que tinham em comum era a benquerença pela cultura. A partir de 1896, deseioso de estreitar ainda mais os laços entre os amigos, José Veríssimo começou a organizar jantares mensais, onde a convivência harmônica fazia-se presente, mesmo entre monarquistas e republicanos. Representantes das letras, médicos, políticos, administradores, militares, jovens e mais experientes, todos trocavam ideias, conversavam sobre poesia e filosofia, no mais absoluto respeito. Os jantares que se seguiram foram todos com o mesmo caráter agregador. Os cardápios, impressos em papel verde, imitavam a capa da *Revista Brasileira* e o sumário apresentava a lista de iguarias. Dessas reuniões, de chás e jantares, surge a ideia da criação de uma academia de letras.

As primeiras notícias relativas à fundação da ABL foram divulgadas no dia 10 de novembro de 1896 pela *Gazeta de Notícias* e, no dia seguinte, pelo *Jornal do Commercio*. No dia 15 de dezembro, na primeira das sete sessões preparatórias, realizada na sala de redação da *Revista Brasileira*, Machado de Assis foi aclamado presidente. A sétima e última sessão preparatória aconteceu no dia 28 de janeiro do ano seguinte, instituindo-se a ABL com trinta intelectuais, que aceitaram o convite: Araripe Júnior, Artur Azevedo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay. Também Coelho Neto, Filinto de Almeida, José do Patrocínio, Luiz Murat e Valentim Magalhães, também presentes às sessões anteriores, e ainda Afonso Celso Júnior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, Pereira da Silva, Rui Barbosa, Sívio Romero e Urbano Duarte. Como precisavam completar o número de quarenta membros, à imagem da Academia Francesa, os trinta primeiros elegeram os dez seguintes: Aluísio Azevedo, Barão de Loreto, Clóvis Bevilaqua, Domicio da Gama, Eduardo Prado, Luís Guimarães Júnior, Magalhães de Azeredo, Oliveira Lima, Raimundo Correia e Salvador de Mendonça. Os Estatutos foram assinados por Machado de Assis, presidente; Joaquim Nabuco, secretário-geral; Rodrigo Otávio, 1º secretário; Silva Ramos, 2º secretário; e Inglês de Sousa, tesoureiro. (NEVES, 2008, p.23-24).

De 1897 a 1904, as sessões acadêmicas foram realizadas nos mais diversos locais da cidade. Sem condições de possuir uma sede própria, a ABL funcionou de forma precária nos seus primeiros anos. O grupo de intelectuais realizava seus encontros onde era possível: nas salas da *Revista Brasileira*, do Gymnasio Nacional (Colégio Pedro II), do Pedagogium, do Ministério do Interior, da Biblioteca Fluminense. No Real Gabinete Português de Leitura várias sessões solenes foram realizadas. Tratava-se mesmo de uma agremiação, de uma sociedade, de um grupo de personalidades afins que reuniam o seu lado mais criativo, fundamentados pela ciência e pelo gosto da leitura. Todos eles, homens de cultura, ansiavam por mudanças, não só políticas, mas de um novo olhar sobre a pátria natal. Carregavam um ufanismo às vezes exagerado, enaltecendo a brasilidade como natureza, no seu sentido patriótico e nacionalista.

A partir do dia 11 de abril de 1901, Rodrigo Octavio colocou à disposição do grupo a sala do seu escritório de advocacia, cujo endereço à Rua da Quitanda, 47 recebia, desde 1897, toda a correspondência destinada à ABL. Neste endereço foram eleitos acadêmicos Afonso Arinos, Martins Júnior, Augusto de Lima, Euclides da Cunha e Sousa Bandeira. Todos tencionavam não abusar da hospitalidade, pois a ABL já dispunha do amparo da Lei nº 726, sancionada pelo presidente Campos Sales no dia 8 de dezembro de 1900, que autorizava o Governo da República a dar-lhe abrigo. Criada pelo deputado baiano Eduardo Ramos com a diligência de Machado de Assis, por esta lei ficava o governo responsável a dar permanente instalação, em prédio público de que pudesse dispor, à ABL. Mas a lei, embora em vigor, não modificava a precária situação da Instituição, que necessitava de um local definitivo para instalar-se. E os encontros continuaram, apesar de mais escassos, na Rua da Quitanda, estendendo-se ali por três anos.

Machado de Assis dedica-se então a encontrar um prédio da União com instalações adequadas para a consolidação da instituição, e sempre que pode entra em contato com políticos e ministros, pessoalmente ou através de amigos como Mário de Alencar, na época influente funcionário do Ministério do Interior e Justiça. Pouco tempo depois, Mário de Alencar consegue permissão governamental para a ABL funcionar no prédio construído no Largo da Lapa, ao pé do mar e do Passeio Público, batizado pelo povo de Edifício do Cais da Lapa. Este prédio abrigou, além da ABL, o Instituto Histórico, a Academia de Medicina e o Instituto dos Advogados. Passado um tempo, o Edifício do Cais da Lapa recebeu novo nome: Silogeu

Brasileiro. Em 1903, Machado de Assis refere-se a ele, em carta a Joaquim Nabuco:<sup>9</sup>

[...] há duas semanas soube que a nossa Academia também seria alojada, e ontem fui procurado pelo engenheiro daquele Ministério. Soube por este que a nossa, a Academia de Medicina, o Instituto Histórico e o dos Advogados ficarão ali. Fui com ele ver o edifício e a ala que nos destina, e onde há lugar para as sessões ordinárias e a biblioteca. Haverá um salão para as sessões de recepção e comum às outras associações para as suas sessões solenes. (MONTELLO, 1997, p. 14)

A ABL inicia seus trabalhos no Silogeu Brasileiro no final de 1904. Machado de Assis, presidente dedicado, além da concessão do prédio, conseguiu toda a mobília necessária doada pelo Ministério do Interior. A Academia aos poucos foi entrando em um ritmo próprio, definindo suas áreas de atuação e projetos e permaneceu no prédio do Silogeu até ser transferida definitivamente para o Petit Trianon. Construído na Avenida das Nações (atual Av. Presidente Wilson) para abrigar a representação francesa na Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, em 1922, o Petit Trianon foi doado em 1923 à ABL por decisão do governo francês.

Sobre a escolha para o quadro dos fundadores, Josué Montello sinaliza que prevaleceram os fatores de ordem cordial sobre os de ordem intelectual. Foram excluídos grandes nomes e incluídos “nomes que não podiam aspirar à condição de grandes figuras literárias”. Também destaca que, na fase inicial da Academia, foi a amizade da geração boêmia abolicionista, mais do que o grupo de altos espíritos, que moldou a consolidação legislativa de seus estatutos e uniu a maior parte dos companheiros. Coelho Neto, Olavo Bilac, Araripe Júnior, José do Patrocínio, Murat, Valentim Magalhães, Aluísio e Artur Azevedo, Guimarães Passos, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Medeiros e Albuquerque, Pedro Rabelo e Filinto de Almeida, pertenciam a este grupo de amigos “desprezidos e joviais”. Por outro lado, Machado de Assis, José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Lúcio de Mendonça, Rodrigo Octavio e Inglês de Sousa sempre se destacaram por manter o foco, a constância de propósitos e a porção de austeridade para a consolidação da instituição.

Para a escolha dos patronos da Academia, também foram selecionados nomes de escassos méritos intelectuais. Enquanto na tradição da Academia

---

<sup>9</sup> MONTELLO. Josué. A Academia Brasileira de Letras – 100 anos (1897-1997). Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=4319&sid=2>. Acesso em: 29/ago./2014

francesa o patrono corresponde ao primeiro ocupante da cadeira, Joaquim Nabuco sugeriu que na Academia brasileira os fundadores escolhessem para suas cadeiras um nome ilustre como patrono. Adiantando-se no tempo, a ABL homenageava mortos ilustres dando seus nomes às cadeiras, mostrando as raízes inspiradoras da nova agremiação. A relação das 40 cadeiras e seus respectivos patronos, fundadores e sucessores, de acordo com a listagem oficial do site da ABL pode ser encontrada no (Anexo C).<sup>10</sup> Observa Josué Montello que “só em alguns casos, nessa lista heterogênea de notabilidades da primeira hora acadêmica, se descobre a afinidade de ordem intelectual entre o fundador e o seu patrono.” A morte os separava, mas a amizade compensava a fatalidade. Pesquisar laços comuns entre eles não demanda esforço, pois costumam aparecer vinculados a escolas literárias ou filosóficas, a laços familiares ou identificados a influências estilísticas.

Mas, como já foi referido, a ABL necessitava de auxílio, e experimentou seu primeiro momento de independência financeira com a benemerência de Francisco Alves de Oliveira (1848-1917). Conhecido livreiro e editor de obras didáticas, fundador da *Livraria Alves* – primeira grande editora do país, Francisco Alves deixou em testamento seu patrimônio à ABL, com a obrigação de que fosse utilizado na distribuição de prêmios literários e pedagógicos, incentivando a propagação do ensino primário no Brasil. Autor de diversas obras didáticas (atlas; métodos de ensino de francês, inglês, italiano e alemão; antologia de autores clássicos; manuais de composição, gramática; dicionário francês-português) que escrevia à noite, durante o dia podia ser encontrado atrás do balcão da livraria.

Afrânio Peixoto reconheceu em Francisco Alves o criador da indústria do livro didático no país: “É o pioneiro do livro popular de ensino, posto ao alcance dos mais pobres, com o que deve ter lugar entre os educadores do Brasil.”<sup>11</sup> Definitivamente Francisco Alves preocupava-se com a situação do ensino brasileiro, pois obriga a Academia, por determinação testamentária, a promover, de cinco em cinco anos, dois concursos: um, sobre a língua portuguesa, e outro, sobre o melhor modo de divulgar o ensino primário no Brasil. Com o tempo, esses concursos foram perdendo visibilidade com a desvalorização da moeda, mas permanece até hoje a tradição dos

---

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=540> Acesso em: 01/fev./2015.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=540> Acesso em: 01/fev./2015.

prêmios da Academia, inspirada no livreiro Francisco Alves, o mecenas da ABL, que até hoje é lembrado e homenageado nas efemérides acadêmicas.

Até janeiro de 2015, a Academia Brasileira de Letras já teve quarenta e quatro presidentes (Anexo D). Anualmente, candidatos à presidência se apresentam com uma chapa de Diretoria, composta por quatro membros: Secretário-Geral, Primeiro Secretário, Segundo Secretário, Tesoureiro, cuja eleição ocorre no final do ano acadêmico, no mês de dezembro. Como o mandato de uma chapa pode ser renovado por mais um ano, as gestões presidenciais costumam ser de dois anos consecutivos. A última sessão do ano é a de Posse da nova Diretoria.

Em 1920 e 1921 o Presidente da Academia foi Carlos de Laet<sup>12</sup> que, por sua defesa à monarquia, era considerado retrógrado na política. Seu pai, sem condições de custear os estudos secundários do filho, recorreu ao Imperador Pedro II e conseguiu matriculá-lo no “Imperial Colégio Pedro Segundo”. Como bolsista, Carlos de Laet não podia ser reprovado e foi aluno exemplar. Nos sete anos do curso esteve nos bancos de honra e recebeu prêmios de melhor aluno. Em 1867, colou grau de bacharel em Letras, título valorizado, pois lhe possibilitava acesso direto aos estabelecimentos de estudos superiores. Formado pela Escola Central como Engenheiro Geógrafo em Engenharia, e bacharel em Ciências Matemáticas e Físicas, não seguiu a carreira, voltando-se para o magistério e o jornalismo. Em 1873, fez concurso no Colégio Pedro II para a então cadeira de “Português, Geografia e Aritmética” e em 1915, com a reforma do ensino, Laet é nomeado professor de Português.

No jornalismo, Carlos de Laet estreou no *Diário do Rio* em 1876, passando em 1878 para o *Jornal do Commercio*, onde durante dez anos escreveu os textos da sua coluna “Microcosmo”. Trabalhou também como colaborador e redator na *Tribuna Liberal*, no *Jornal do Brasil*, do *Comércio de S. Paulo* e n’*O Jornal*, nos quais deixou uma vasta produção sobre arte, história, literatura, crítica de poesia e crítica de costumes. Atento às questões de seu tempo, escreveu inúmeros artigos sobre variados temas em jornais da capital. De 1877 a 1888, exerce o cargo de redator dos debates do Senado. Em 1889, seduzido pela política, aceita uma cadeira de

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=300> Acesso em: 01/fev./2015.

deputado diante da insistência de amigos monarquistas. Foi eleito, mas o advento da República privou-o da cadeira. Manteve-se monarquista e fiel ao culto de D. Pedro II.

Após a Proclamação da República, Carlos de Laet, contrário à retirada do nome do Imperador do Colégio onde passou parte da vida, foi demitido. Pouco tempo depois, Benjamin Constant, primeiro ministro do Governo Provisório, conseguiu transformar seu ato de demissão em aposentadoria. Enquanto esteve afastado, Carlos de Laet dedicou-se ao magistério em escolas particulares. No Liceu de Artes e Ofícios dava aulas de francês para jovens e adultos trabalhadores. Em 1895, Carlos de Laet publica, em parceria com o colega professor do Colégio Pedro II, Fausto Barreto, a *Antologia Nacional*, livro responsável pela formação literária de muitas gerações de brasileiros até a década de 1960 (43ª edição em 1969). Em 1917, no governo de Venceslau Brás, Carlos de Laet foi reconduzido ao Colégio Pedro II, exercendo, até aposentar-se em 1925, o cargo de diretor. (LLOPIS ALVES, 2013, p.26)

Mesmo no período em que esteve afastado do Colégio Pedro II, Carlos de Laet frequentou o círculo social dos professores. Era costume entre os intelectuais do final do século XIX e início do XX se inserirem em agremiações que sentissem afinidade, cujo convívio restringia-se às salas dos jornais e revistas, às mesas de confeitarias e livrarias. Carlos de Laet não fugiu à regra: colaborou em jornais e revistas, ajudou a fundar a Academia Brasileira de Letras e frequentava livrarias, cafés e restaurantes nos arredores e na rua do Ouvidor, o ponto de encontro daqueles que possuíam o privilégio do acesso a leituras, lugar de conversas, debates e reuniões. Esses grupos de convívio identificavam-se em vários aspectos como profissão, interesses literários, afinidades políticas, amizades etc. As livrarias converteram-se em verdadeiros clubes literários.

Eleito presidente da ABL em 1919, na vaga de Rui Barbosa, exerceu três mandatos até 1922, quando renunciou. Entre os vários e relevantes serviços que prestou à instituição, destaca-se a direção da primeira comissão responsável pela elaboração do dicionário da Academia quando, como filólogo, deu importantes contribuições no estudo de cada verbete. Vale lembrar que Carlos de Laet ocupou a Cadeira 18 da Academia Brasileira de Filologia. (LLOPIS ALVES, 2013, p.298)

## 5.2 Informação e Memória da ABL

### 5.2.1 Centro de Memória

Como parte das comemorações do Centenário da ABL foi criado em 1997 o Centro de Memória, responsável pela preservação documental dos acervos arquivísticos e museológicos da Academia, dos patronos, membros efetivos e sócios correspondentes. Em 2000, um novo projeto, destinado à revitalização, estruturação e sistematização do Arquivo Múcio Leão tem início e, em 2003, são publicados os primeiros trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelo Arquivo: o *Guia Geral do Arquivo dos Acadêmicos* e o *Inventário do Arquivo Machado de Assis*.

Como parte do Centro de Memória, o Arquivo Múcio Leão é composto por duas linhas de acervo: o Arquivo dos Acadêmicos, composto pelos documentos privados e pessoais de seus membros efetivos, patronos e sócios, entregues à custódia da instituição, e o Arquivo Institucional, composto pelos documentos administrativos e funcionais, produzidos e recebidos em decorrência das atividades-meio e atividades-fim da instituição. Esses documentos, acumulados pela ABL desde a sua fundação, em 1897, recebem tratamento de acordo com as normas arquivísticas contemporâneas.

A primeira menção a um arquivo, na história da ABL aparece registrada nas Atas em 1896, com a expressão “Arquive-se!”, proferida pela primeira vez pelo presidente Machado de Assis, na sessão preparatória de 23 de dezembro. Indicava a preocupação, comum ao grupo que se formava, de terem recolhidos em um arquivo determinados documentos. Entendendo-se que para a existência de um arquivo pressupõe-se a existência de quem o zele, há uma grande defasagem de tempo até a primeira referência direta, em Ata, à estruturação de um verdadeiro arquivo, que aparece somente no dia 9 de dezembro de 1926: o Acadêmico Constâncio Alves propôs que fosse criado o cargo de “arquivista”, independente das funções do bibliotecário, mas a proposta não foi aceita. (OLIVEIRA, 2009, p.18).

Muitos dos acadêmicos doam seus arquivos em vida, cada um deles, com seus arranjos particulares. Há também o caso da reutilização dos documentos pelo titular e/ou instituição para homenagens à figura do imortal. Esta peculiaridade cria um diferencial na forma da ABL tratar seu acervo, pois além de mantenedora de arquivos pessoais, ela também é responsável pela acumulação. Considerando que

os membros efetivos da ABL costumam ser personalidades reconhecidas nacional e internacionalmente, a instituição torna-se responsável pela preservação e disseminação de boa parte da memória intelectual brasileira, multidisciplinar, com toda a diversidade das áreas de conhecimento dos acadêmicos. (OLIVEIRA, 2009, p.41)

### 5.2.2 Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça

A Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça teve origem com a doação do romance *Flor de sangue*, por Valentim Magalhães, registrada na ata preparatória do dia 28 de dezembro de 1896, mas foi inaugurada, oficialmente, no dia 13 de novembro de 1905, por proposta de seu primeiro diretor, Rodrigo Octavio, na presidência de Machado de Assis. A ABL, desde a fundação, recebe doações de coleções particulares de acadêmicos, de personalidades do mundo literário e cultural e de bibliófilos. Fazem parte do seu acervo primeiras edições de obras clássicas da literatura mundial, além de um grande número de obras raras dos séculos XVI a XX, destacando-se a edição d'Os *Lusíadas*, de 1572, e um raríssimo exemplar das *Rhythmas*, impresso em Lisboa no ano de 1595, de Luís de Camões. Instalada no 2º andar do Petit Trianon, a Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça ocupa uma área de 250m², dividida em três ambientes – além de livros, possui um acervo museológico composto por móveis de época, esculturas e quadros de grandes pintores.

O próximo capítulo será dedicado à análise dos resultados dos dados obtidos no Livro das Atas da ABL, nos anos 1920 e 1921.

## 6 ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Este capítulo dedica-se à análise dos resultados obtidos a partir do conteúdo do Livro das Atas da ABL nos anos 1920 e 1921. Conforme já demonstrado, a sistematização dos dados foi realizada através da sequência cronológica das ações e procedimentos acadêmicos. Esse universo pesquisado compreende um total de 98 sessões, sendo 45 em 1920, e 53 em 1921, com a presença de uma média total de 33 membros do quadro efetivo da Academia (Gráfico 1).

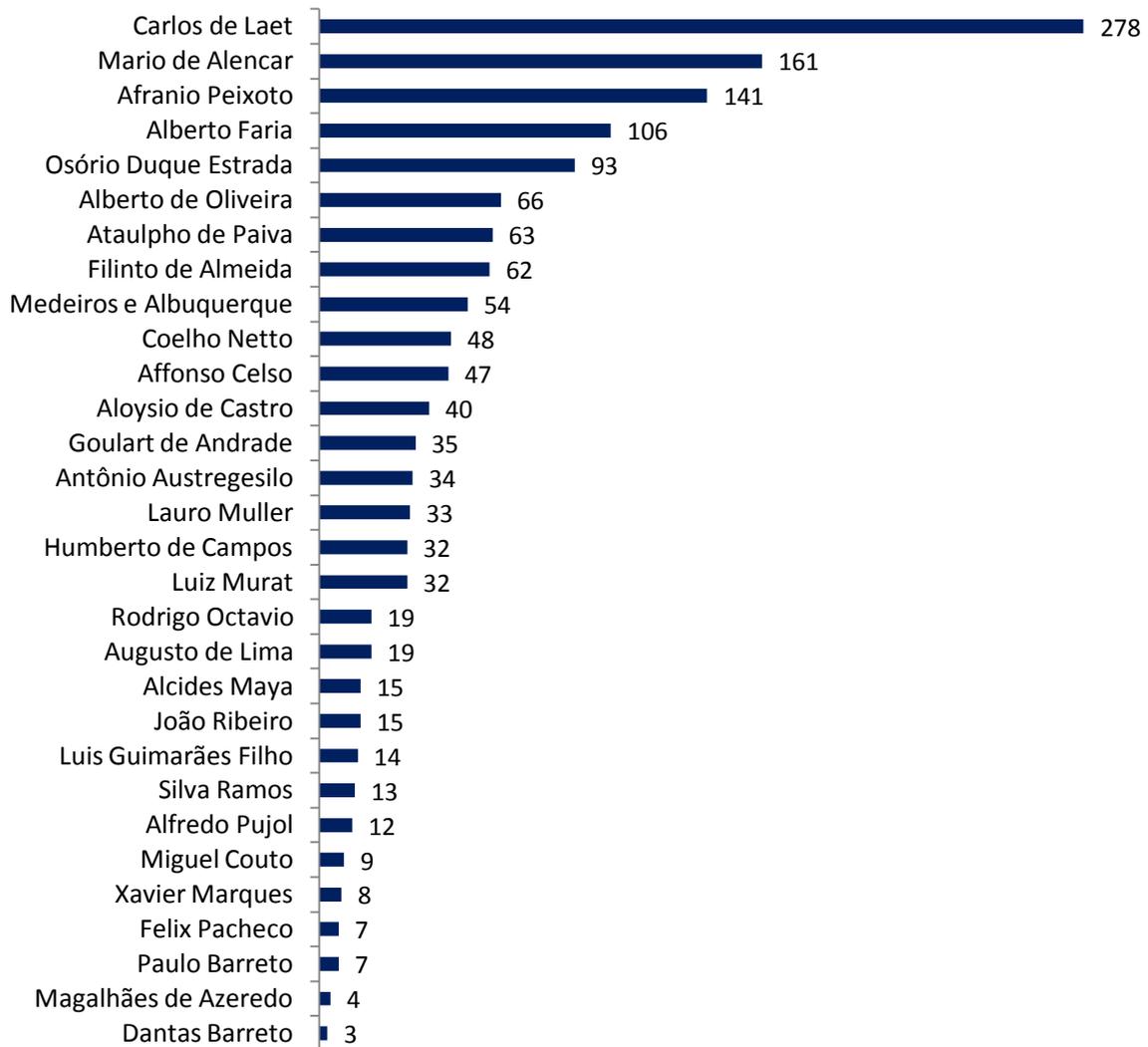
Gráfico 1 – Lista de presença dos acadêmicos nas sessões.

ACADÊMICOS	PRESENÇA
AFONSO CELSO	87
AFRANIO PEIXOTO	93
ALBERTO DE OLIVEIRA	92
ALBERTO FARIA	76
ALCIDES MAYA	46
ALFREDO PUJOL	5
ALOYSIO DE CASTRO	89
ANTONIO AUSTREGESILO	92
ATAULPHO DE PAIVA	96
AUGUSTO DE LIMA	92
CARLOS DE LAET	96
CLOVIS BEVILAQUA	1
COELHO NETTO	95
DANTAS BARRETO	84
FELIX PACHECO	91
FILINTO DE ALMEIDA	92
GOULART DE ANDRADE	97
GRAÇA ARANHA	9
HUMBERTO DE CAMPOS	91
JOÃO RIBEIRO	96
LAURO MULLER	74
LUIS GUIMARÃES FILHO	12
LUIZ MURAT	92
MAGALHÃES DE AZEREDO	2
MARIO DE ALENCAR	97
MEDEIROS E ALBUQUERQUE	95
MIGUEL COUTO	86
OSORIO DUQUE-ESTRADA	92
PAULO BARRETO	17
RODRIGO OCTAVIO	68
RUY BARBOSA	1
SILVA RAMOS	96
SILVERIO GOMES PIMENTA	1
XAVIER MARQUES	43

Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

A participação dos acadêmicos em cada sessão não ocorre de forma homogênea. Enquanto alguns participam da quase totalidade das reuniões, outros só comparecem de forma bissexta. Essa heterogeneidade de participação reflete-se na quantidade de citações de acadêmicos ao longo do período estudado. (Gráfico 2)

Gráfico 2 – Participação dos acadêmicos nas sessões de 1920 e 1921.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Com o estabelecimento dos temas (categorias), foi possível compreender o universo estudado e constatar a relevância do material colhido. Os assuntos foram representados de forma sucinta e estruturados a partir de suas ramificações. Na consolidação dos temas mais destacados foram então adotadas questões e premissas, fundamentadas nas informações recolhidas do material pesquisado. Para uma melhor compreensão do fluxo informacional da ABL em 1920 e 1921, a partir de

uma base de dados consolidada, procurou-se prospectar, dos temas estabelecidos para a pesquisa, as ações definidas pelos protagonistas e atores, geradores de recursos informacionais. A importância da conexão dos atores nesse universo informacional foi constatada a partir das abordagens dos temas provenientes das propostas e discussões dos acadêmicos em sessão.

Definidos os temas e as ações deles decorrentes, com o seu consequente gerenciamento pelos acadêmicos foi possível sinalizar atuações estratégicas segmentadas, estabelecendo-se uma diferenciação entre protagonistas e atores. Protagonistas seriam os acadêmicos que levam ao Plenário a proposta de um determinado tema e, atores, os acadêmicos que se manifestam sobre este tema. Essa relação entre o tema e os seus protagonistas é descortinada no momento em que a participação de cada acadêmico é analisada individualmente.

Este trabalho trata, fundamentalmente, da memória institucional da Academia Brasileira de Letras, que “produz rotinas e gera comportamentos mais ou menos padronizados. Tais regras inauguram práticas cotidianas que visam, através da repetição, criar hábitos e comportamentos calcados em processos regulatórios.” (THIESEN, 2006, p.22) Segundo a autora, a memória é elemento determinante ao funcionamento das instituições, que retêm somente as informações de interesse ao seu funcionamento.

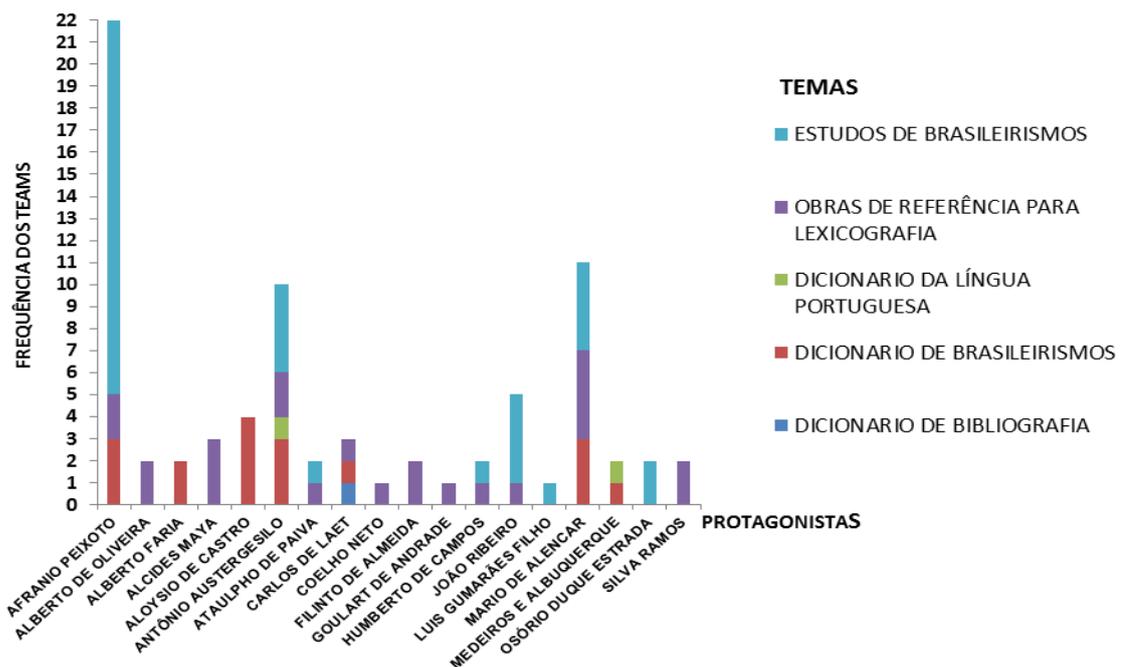
Em 1896 ficou estabelecido, no seu Estatuto, que a Academia teria permanentemente as seguintes comissões, eleitas anualmente por escrutínio secreto e compostas, cada uma, por três membros: Comissão de Exame, Comissão de Contas, Comissão de Redação. (NEVES, 2008, p.52) A partir de 1904, quando a ABL passa a ocupar uma ala do Silogeu Brasileiro, sua estrutura organizacional foi expandida e surgem novas comissões. A aglutinação de determinados atores em torno de um tema comum pode ser bem percebida quando analisadas as comissões permanentes e especiais da Academia, foco principal deste trabalho.

## **6.1 Comissões Permanentes**

Em 1920 e 1921 existiam as seguintes comissões: Comissão de Lexicografia, Comissão de Redação, Comissão de Publicações, Comissão de Bibliografia e Comissão de Contas, sendo que algumas dessas comissões nomeavam sub-

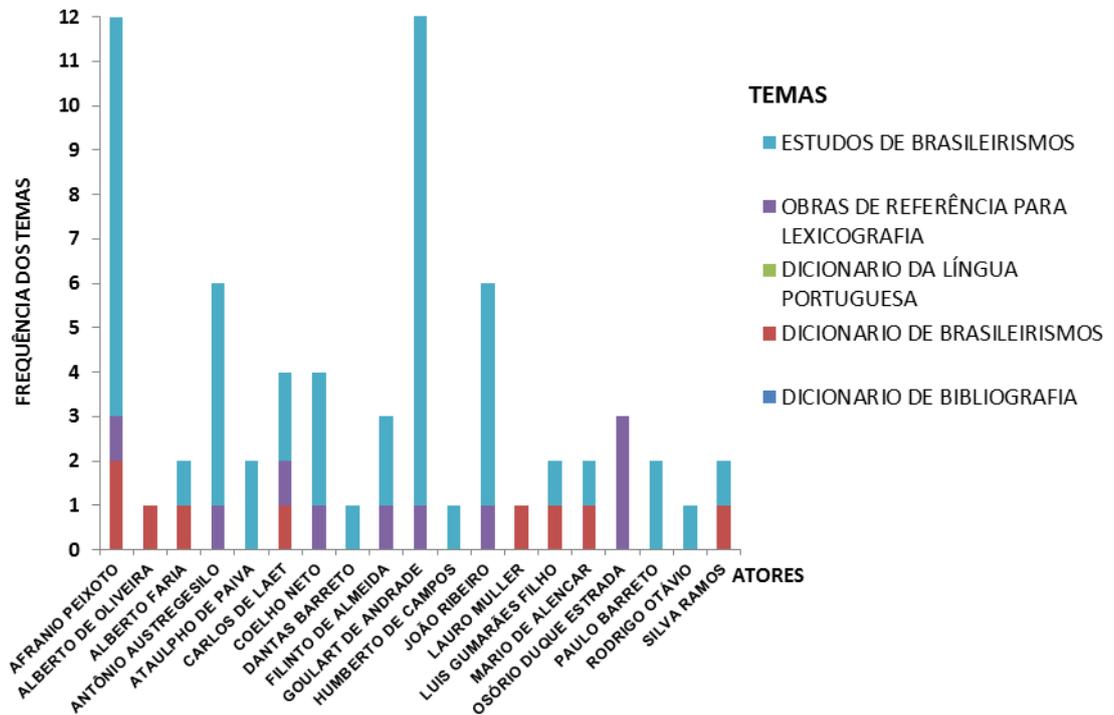
comissões, com o objetivo de melhor aproveitar a expertise dos acadêmicos. Seus integrantes eram designados através de votação, a cada início de ano acadêmico, e substituídos caso não dispusessem de tempo para o trabalho solicitado. Dentre as comissões permanentes, a de Lexicografia é a que apresenta o seu universo específico mais citado. Os temas referentes à lexicografia foram discutidos em 45% das 98 sessões analisadas, sendo o principal a elaboração de um dicionário de brasileirismos e os estudos feitos pelos acadêmicos a respeito. (Gráfico 3 e 4).

Gráfico 3 – Comissão de Lexicografia: Temas dos protagonistas.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

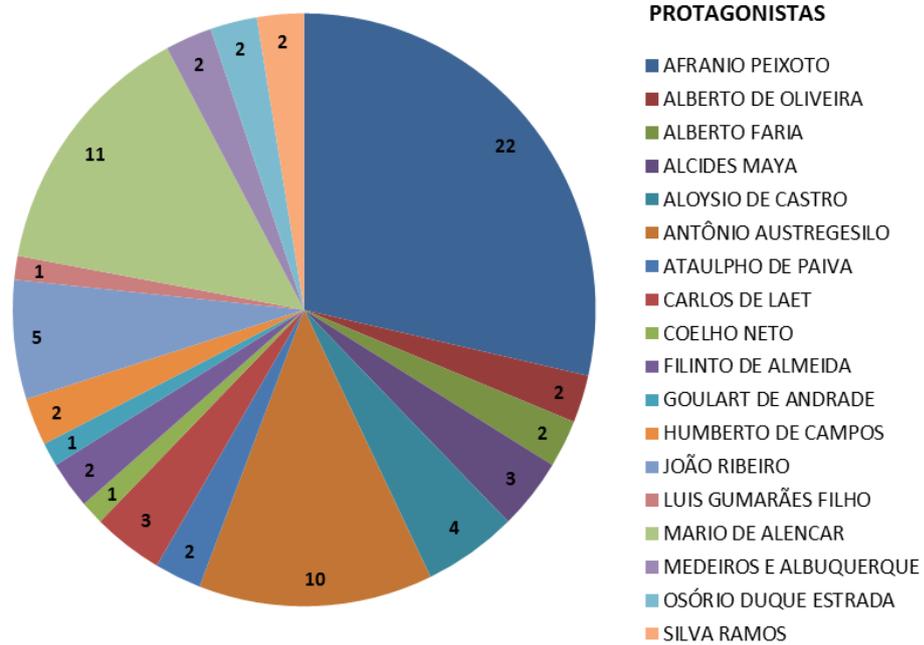
Gráfico 4 – Comissão de Lexicografia: Temas dos atores.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

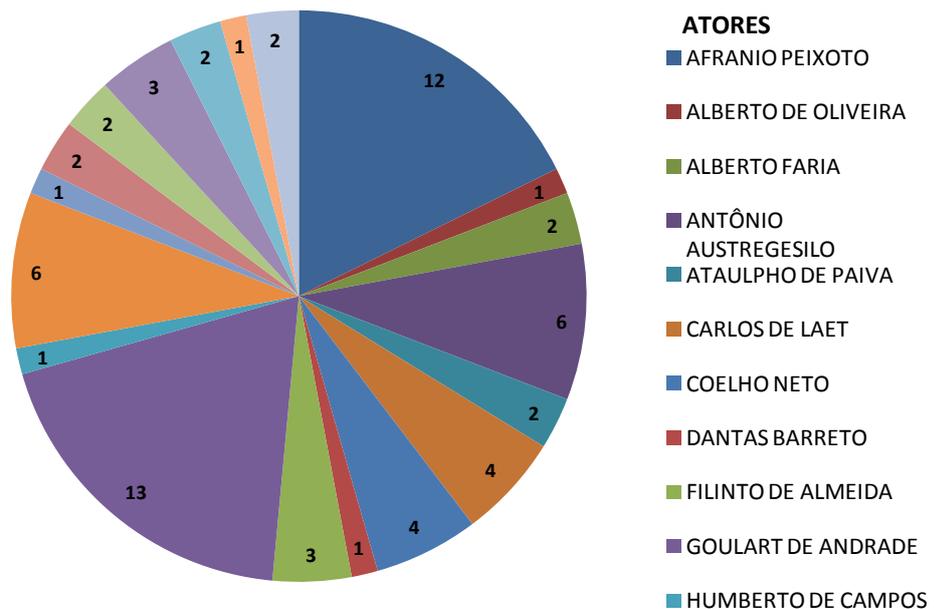
O protagonista principal no contexto da Comissão de Lexicografia foi o acadêmico Afrânio Peixoto e, o principal ator, o acadêmico Goulart de Andrade, que costumava substituir membros da Diretoria. Em junho de 1920 Alberto Faria renuncia ao cargo de membro desta Comissão, sendo substituído por Afrânio Peixoto. No mesmo mês, é instituída a Comissão de Brasileirismos, composta pelos acadêmicos Afrânio Peixoto, João Ribeiro e Silva Ramos. Independente da comissão instituída, os estudos de brasileirismos, no final das sessões, sempre teve participação ativa do plenário. (Gráficos 5 e 6)

Gráfico 5 – Comissão de Lexicografia: Frequência dos protagonistas.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Gráfico 6 – Comissão de Lexicografia: Frequência dos atores.



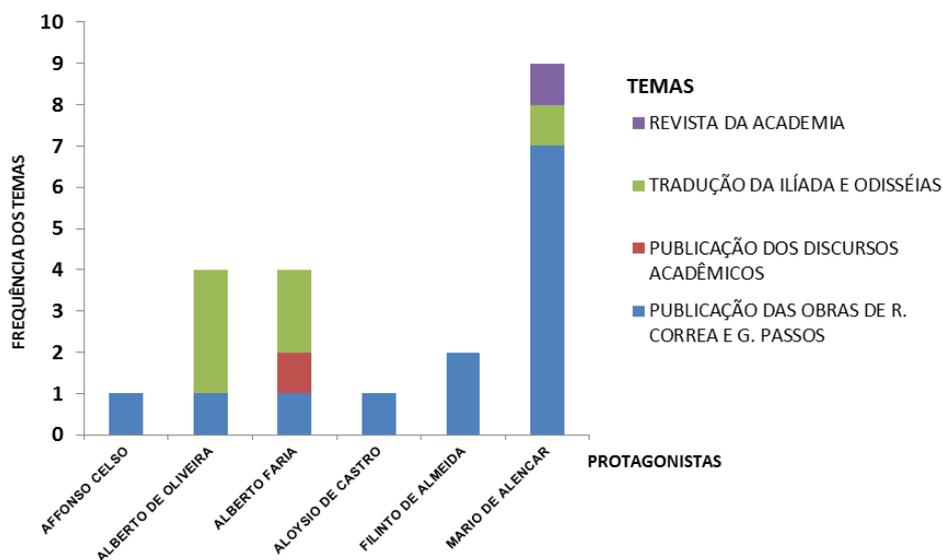
Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

A história dos dicionários e vocabulários da ABL tem origem em 1907, com a proposta de Mário de Alencar para a elaboração de um vocabulário, incrementada por João Ribeiro, e com a proposta de Salvador de Mendonça para a elaboração de um *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, a ser utilizado como fonte de consulta nas publicações oficiais da Academia. Sua proposta corroborava com a preocupação de alguns acadêmicos envolvidos em questões sobre a Reforma Ortográfica. (NEVES, 2008, p.65) Também é de 1907 a proposta de Mario de Alencar para o início dos trabalhos de lexicografia com vistas à elaboração dos dicionários de brasileirismos e da língua portuguesa.

Em 1910, os brasileirismos começam a ser coligidos e, em 1920, a Comissão de Publicações resolve aproveitar o material já recolhido, completando-o com o auxílio de outros vocabulários já publicados. A partir desta data, encontramos os acadêmicos imbuídos da missão de colaborar, desde a coleta de vocábulos até a doação e sugestão de livros vinculados ao assunto (vocabulários, glossários, dicionários etc). (NEVES, 2008, p.88-89)

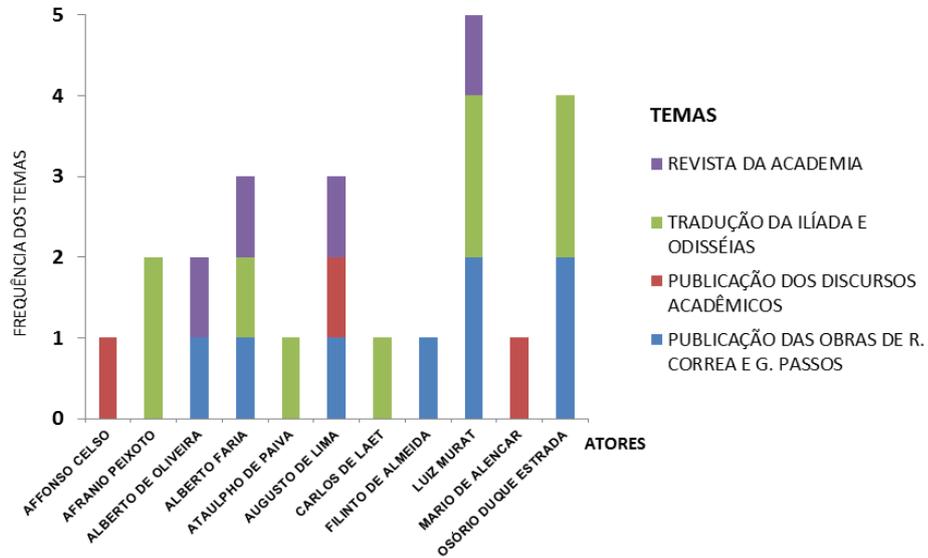
Temas referentes à Comissão de Publicações estiveram presentes em 16% das 98 sessões, sendo a publicação das obras de Raimundo Correa e Guimarães Passos o mais debatido, seguido das traduções d'*A Ilíada* e d'*Odisseia*. (Gráficos 7 e 8).

Gráfico 7 - Comissão de Publicações: Temas dos protagonistas.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

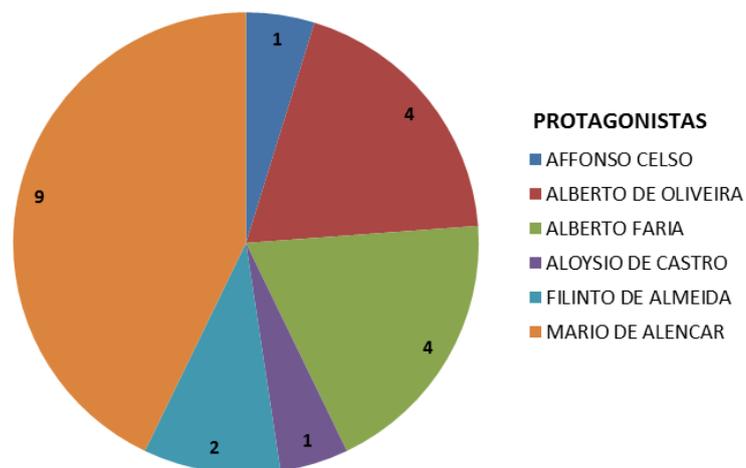
Gráfico 8 - Comissão de Publicações: Temas dos atores.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

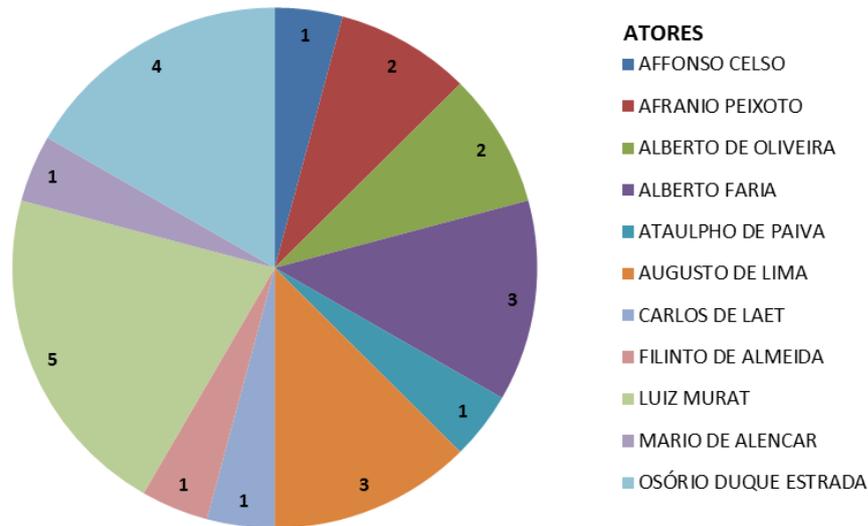
O protagonista principal foi o acadêmico Mario de Alencar e seu principal ator, o acadêmico Alberto de Oliveira. (Gráficos 9 e 10).

Gráfico 9 - Comissão de Publicações: Frequência dos protagonistas:



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Gráfico 10 - Comissão de Publicações: Frequência dos atores.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

A homenagem póstuma a Raimundo Correa e Guimarães Passos foi dos assuntos mais abordados durante todo o ano de 1920, com diversos tópicos, tendo começado com a discussão em Plenário a respeito do traslado e recepção dos restos mortais, estendendo-se à publicação das obras completas dos dois acadêmicos. Mario de Alencar, quem pela primeira vez abordou o tema, foi seu principal protagonista. Outros temas foram: edição dos *Discursos Acadêmicos*, coleta de material para a *Revista da Academia*; e direitos autorais.

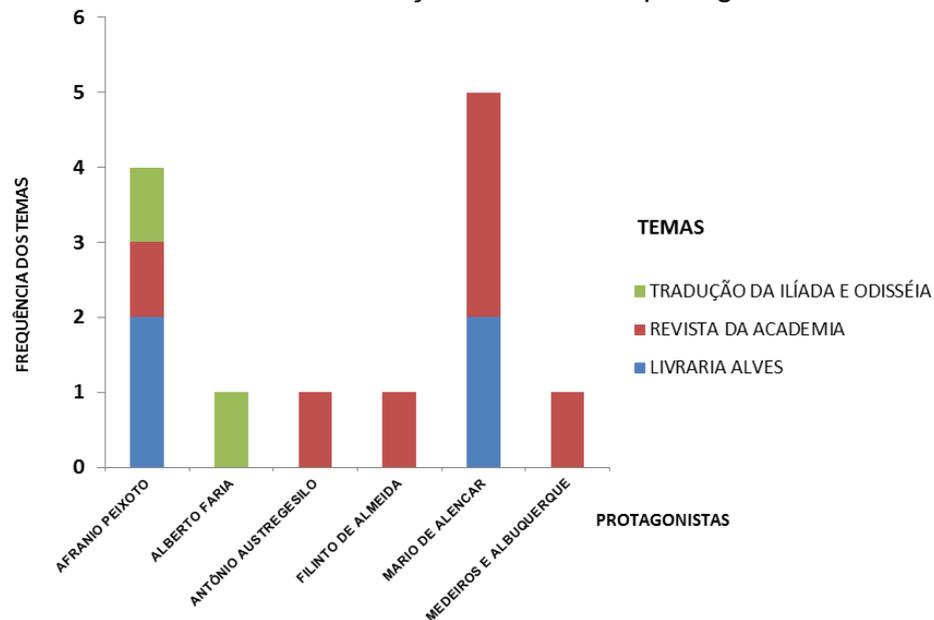
Apesar de sancionada a Lei nº 726, em dezembro de 1900, que obrigava o Governo a subvencionar a impressão, na Imprensa Nacional, das publicações oficiais da ABL, o tema da Livraria Alves é levantado em sessão como uma solução para as publicações da ABL, dificultadas pela escassa verba da Instituição em 1920 e 1921. Francisco Alves morrera em 1917, mas seu testamento ainda passava por trâmites legais, com algumas questões surgidas entre os sobrinhos do grande editor. Este tema, relevante por tratar-se de uma doação expressiva, que em muito auxiliou a Instituição, quando citado nas atas, refere-se aos prêmios por ele instituídos em testamento, às publicações da ABL, e a questões de herança.

As comissões permanentes interagem entre si, como a Comissão de Redação, com as traduções d'*A Ilíada* e d'*Odisseia*, para as quais foi nomeada uma Comissão Especial de Helenistas, vinculada à Comissão de Publicações. Essa

comissão especial, que tinha como objetivo avaliar a pertinência da tradução, era composta pelos acadêmicos: João Ribeiro, Mario de Alencar, Alberto Faria e d. Silvério Pimenta.

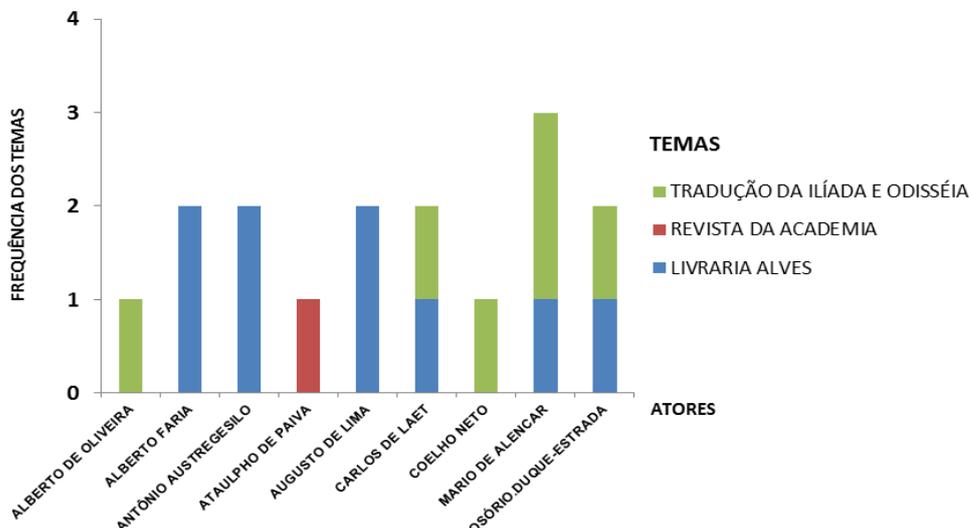
A Comissão de Redação manifestou-se em 13% das 98 sessões, tendo como foco principal a *Revista da Academia* e as questões acerca da sua elaboração. (Gráficos 11 e 12).

Gráfico 11 – Comissão de Redação: Temas dos protagonistas.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014

Gráfico 12 - Comissão de Redação: Temas dos atores.

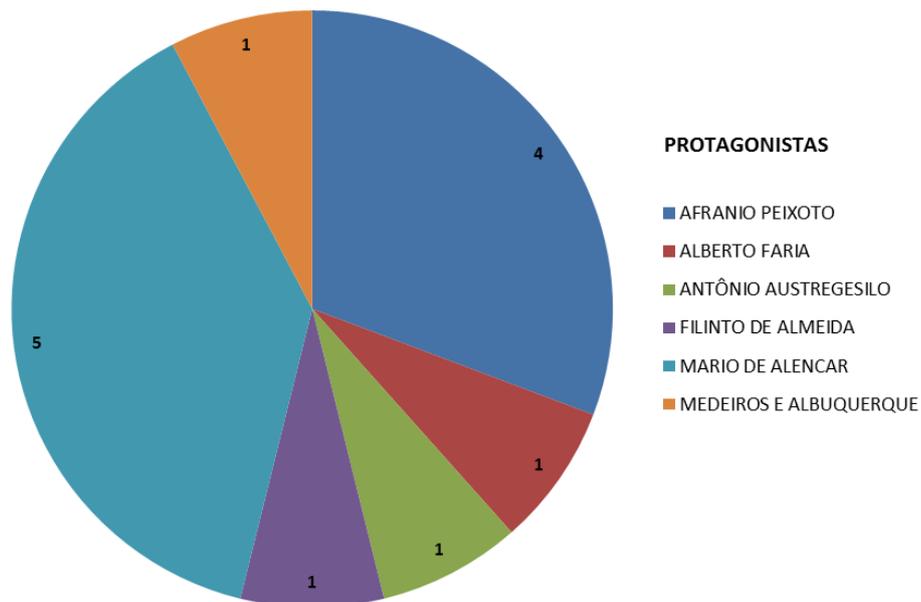


Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

A publicação da *Revista da Academia* tem início em 1910 e é interrompida em 1914, só reaparecendo em 1920. A partir daí, até 1940, data de publicação de seu livro, Neves (2008, p.101) registra que as publicações tornam-se regulares, sofrendo apenas algumas modificações. Suas publicações ainda não tinham periodicidade, eram trimestrais, mensais, e variavam as gráficas e editores.

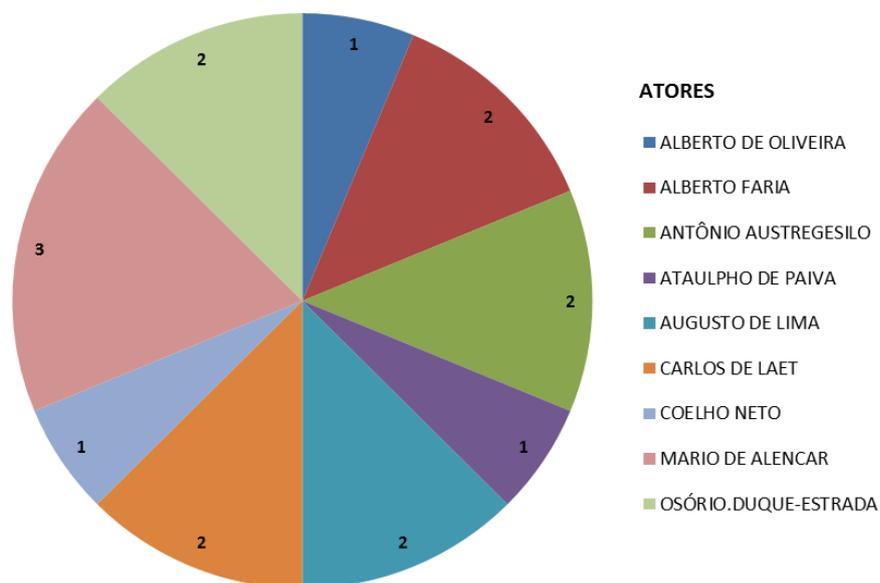
O protagonista e também principal ator foi o acadêmico Mario de Alencar.

Gráfico 13 - Comissão de Redação: Frequência dos protagonistas:



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Gráfico 14 – Comissão de Redação: Frequência dos atores.

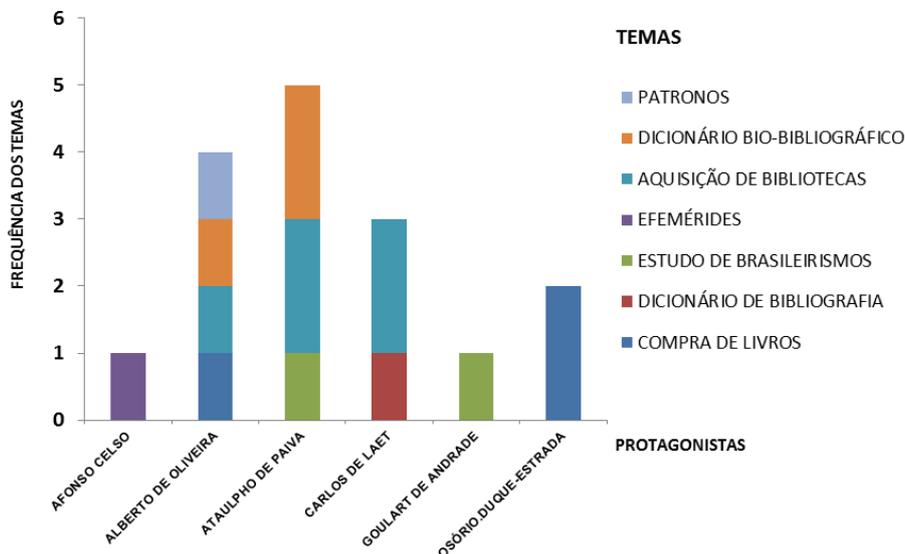


Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

As publicações acadêmicas surgem de fato a partir da gestão de Afrânio Peixoto, que criou a “Biblioteca de Cultura Nacional”, dividida em cinco seções: Literatura, História, Biobibliografia, Inédita e Discursos.

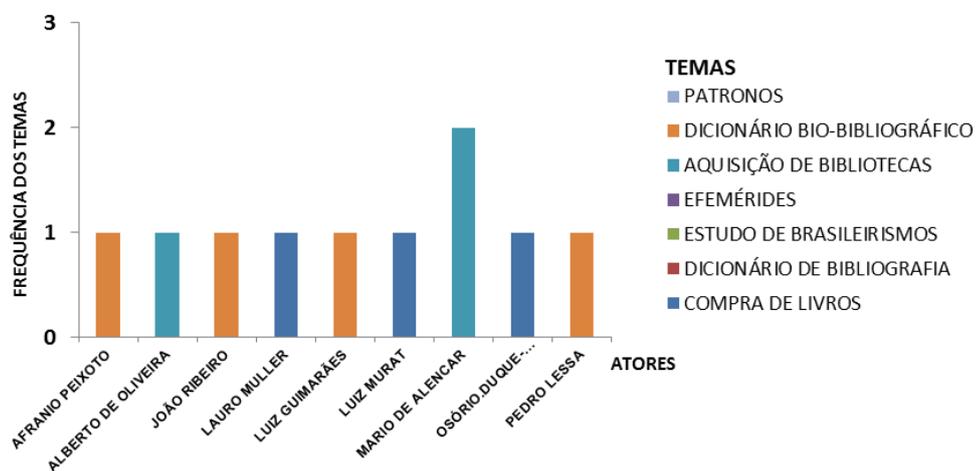
Os temas abordados pela Comissão de Bibliografia, foram discutidos em 11% das 98 sessões, sendo a aquisição de bibliotecas e a compra de livros os mais relevantes. O protagonista principal foi o acadêmico Ataulpho de Paiva e seu principal ator, o acadêmico Mario de Alencar. (Gráficos 15 e 16).

Gráfico 15 – Comissão de Bibliografia: Temas dos protagonistas.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Gráfico 16 – Comissão de Bibliografia: Temas dos atores.

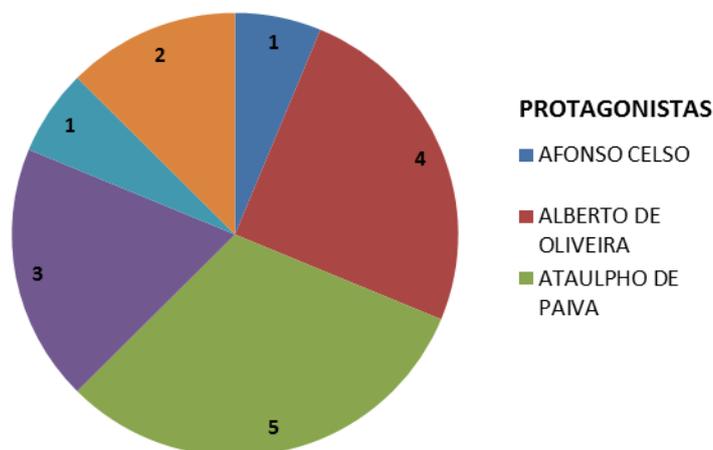


Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Em 1897, Joaquim Nabuco apresentou proposta, também assinada por Rodrigo Octavio, para que cada acadêmico escolhesse o patrono de suas cadeiras, e ficou estabelecido, pela disposição do Art. 23, que cada acadêmico deveria escolher o nome de um vulto da literatura nacional, reunindo sob o mesmo teto “a veneração respeitosa pelos homens ilustres que engrandeceram a nossa história literária e o esforço fecundo dos que presentemente procuram engrandecê-la ainda”. No mesmo ano, José Veríssimo propõe a nomeação de uma comissão para elaboração do *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* e para ela são designados os acadêmicos José Veríssimo, Araripe Junior e Teixeira de Melo. Em 1899, um ano depois, propõem Lucio de Mendonça e Valentim Magalhães que “as biografias escritas pelos acadêmicos sobre os respectivos patronos constituam propriedade da Academia.” Segundo Neves (2008, p.64), não mais se cogitou do *Dicionário Bibliográfico* até 1919, vinte anos depois, por proposta de Alberto de Oliveira.

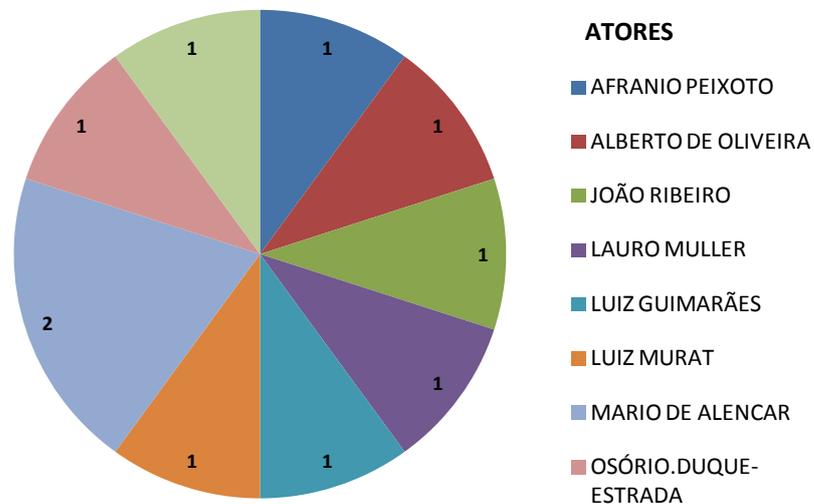
Somente a partir de 1920 o *Dicionário Bibliográfico* começa a ser organizado. Esse hiato reflete a instável situação econômica da ABL nos anos pesquisados, que também acarretou na supressão de alguns temas de responsabilidade da Comissão de Bibliografia, como a compra de livros e a aquisição de bibliotecas (p.ex., de Heráclito Graça) que, apesar de relevantes e discutidos em plenário, não tiveram sucesso.

Gráfico 17 – Comissão de Bibliografia: Frequência dos protagonistas.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Gráfico 18 – Comissão de Bibliografia: Frequência dos atores.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Uma das formas que aparentemente servia para a Academia escapar da privação de aquisição de obras foi através das doações de livros. Durante 1920, a maioria das atas apresenta uma listagem de livros ofertados à Academia.

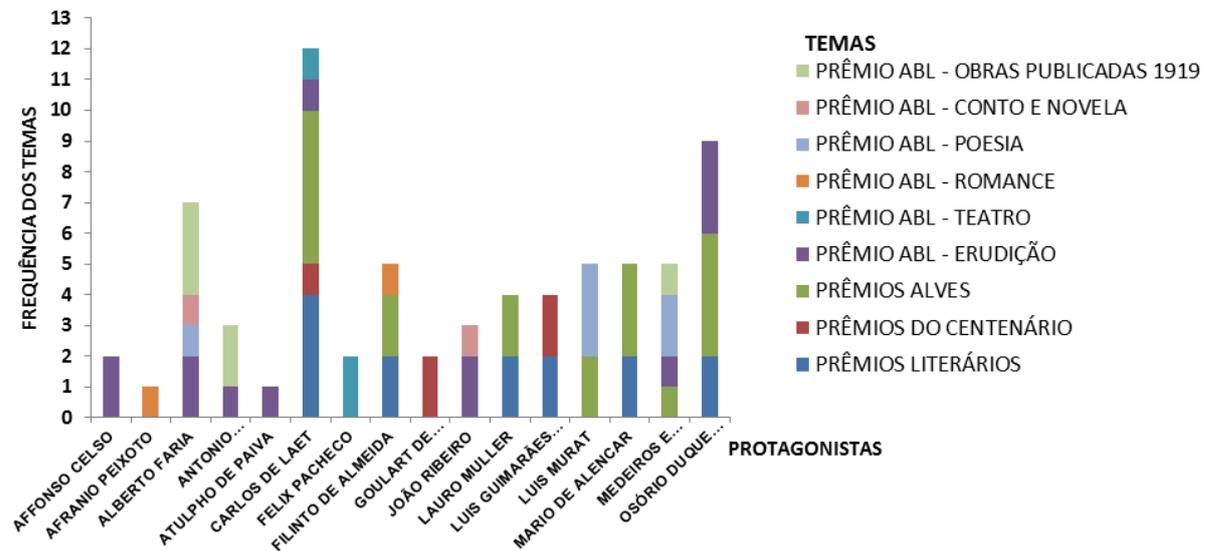
## 6.2 Comissões Especiais

Além das comissões permanentes, o Presidente Carlos de Laet costumava nomear comissões especiais, multidisciplinares, que merecem ser destacadas. Eram destinadas à representação da ABL em eventos, para gerenciar e organizar atividades e efemérides, resolver problemas e executar propostas apresentadas nas sessões.

Outro tema relevante tratado pelo Plenário foi o dos Prêmios da ABL. Data de 1907 a cogitação do primeiro deles, de teatro, “concedido pelo arrendatário do Teatro Municipal, a ser distribuído pela Academia”. (NEVES, 2008, p.25) No período estudado, o Prêmio Teatro Nacional é mencionado cinco vezes pelos acadêmicos, destinado às festividades do Centenário da Independência do Brasil, em 1922. Segundo Neves (2008, p.64), os prêmios tradicionalmente distribuídos até hoje, com

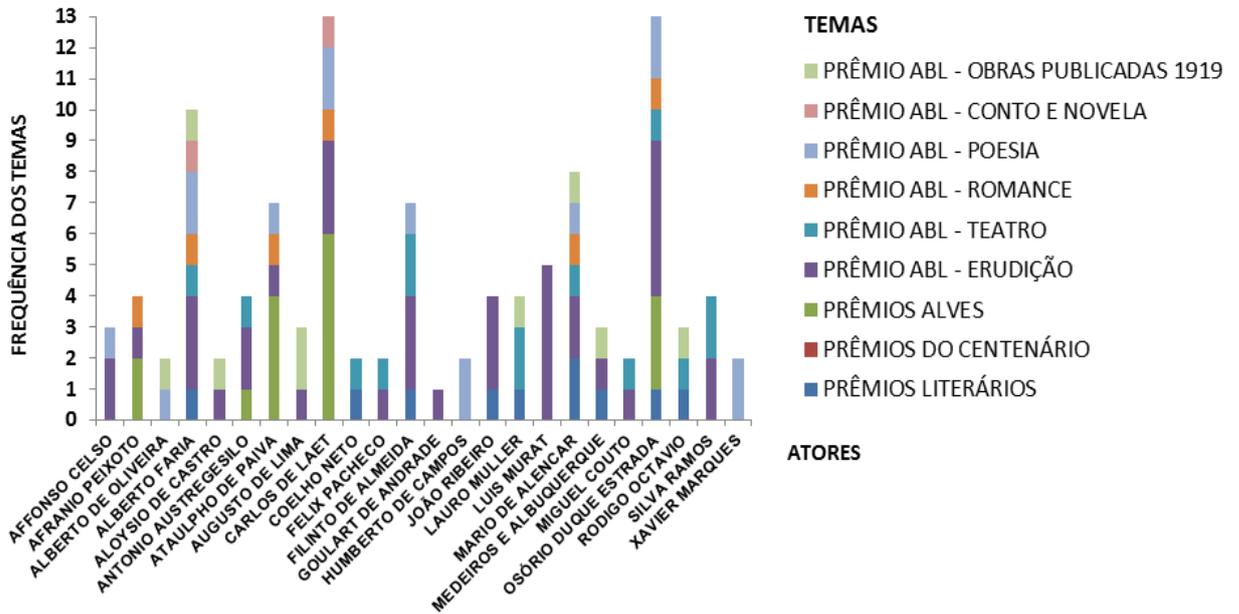
pouquíssimas alterações, começam a ser discutidos em 1911. Uma ferramenta eficiente para refletir a missão da Academia, os prêmios funcionavam como uma proposta de incentivo à produção literária, sempre buscando seguir o lema primordial da Instituição, de preservar e fomentar a língua e a cultura brasileiras. Com a melhora da situação financeira da Instituição, o ano de 1921 é pródigo na distribuição de prêmios, não se limitando apenas aos Prêmios Alves, instituídos por testamento para distribuição de cinco em cinco anos. (Gráficos 19 e 20)

Gráfico 19 – Prêmios ABL: Protagonistas



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

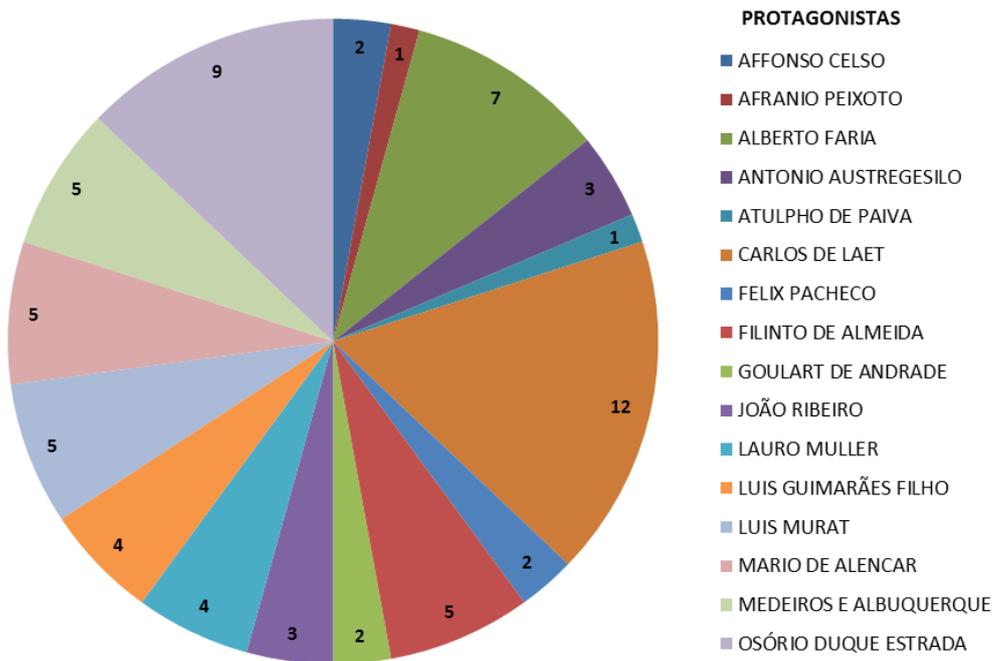
Gráfico 20 – Prêmios ABL: Atores



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

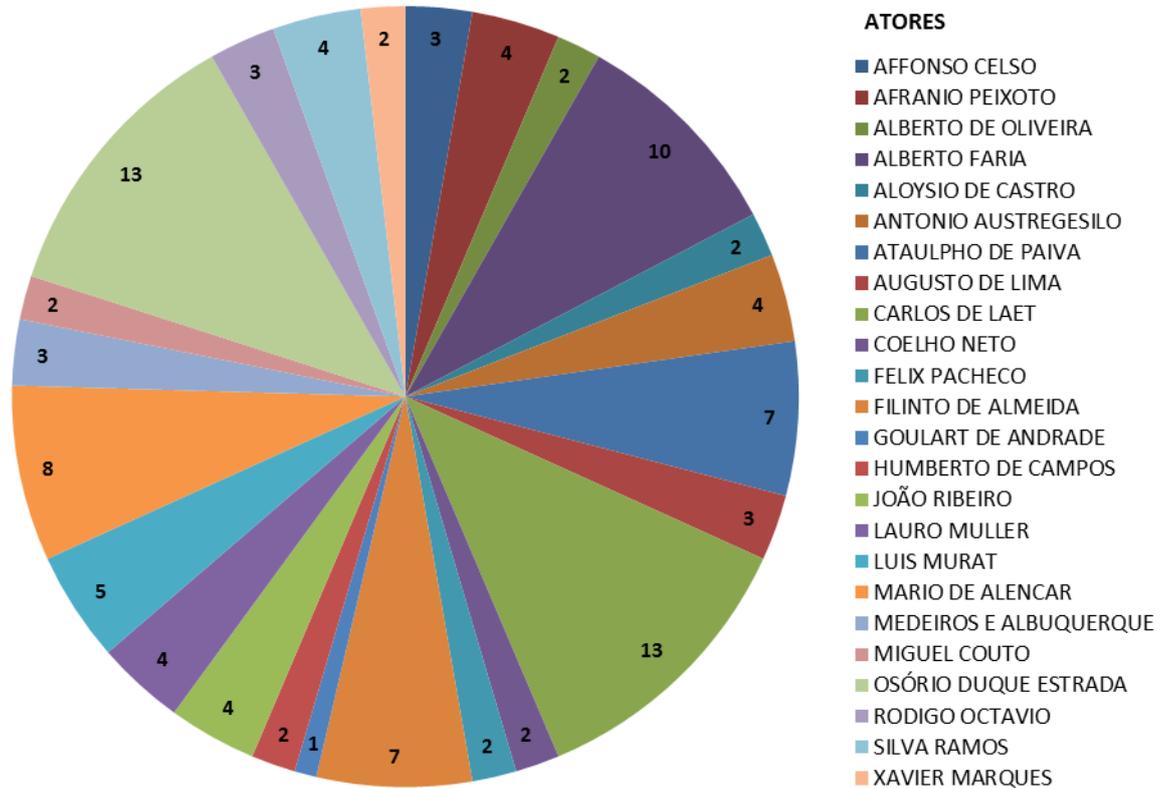
Os Prêmios da ABL tiveram como protagonistas e atores principais os mesmos acadêmicos Carlos de Laet, Osório Duque-Estrada e Alberto Faria. (Gráficos 21 e 22).

Gráfico 21 – Prêmios ABL: Frequência dos protagonistas



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Gráfico 22 – Prêmios ABL: Frequência dos atores



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

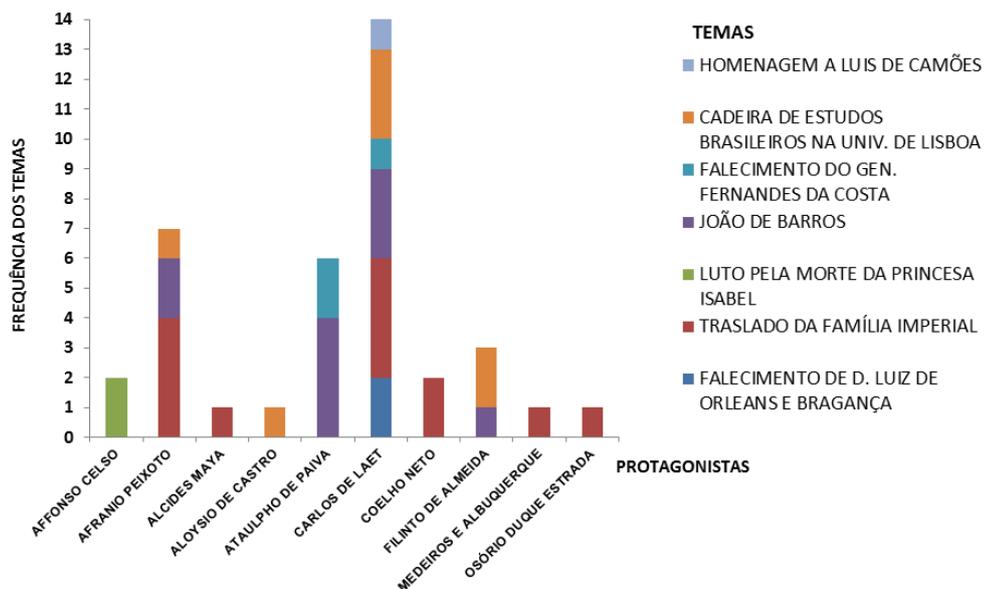
As discussões sobre os prêmios da ABL mobilizaram a maioria dos acadêmicos desde 1920, mas é a partir de 1921 que são nomeadas as seguintes comissões: Prêmio ABL – Teatro; Prêmio ABL – Romance; Prêmio ABL – Poesia; Prêmio ABL – Conto e Novela; Prêmio ABL para obras publicadas no ano anterior; Prêmio Teatro Nacional; e Prêmio ABL – Obras de Erudição. Houve alto índice de participação do plenário na discussão do Prêmio ABL – Obras de Erudição, devido à inconsistência do regulamento e da diversidade de opiniões entre os acadêmicos a respeito do conceito do que poderia ser uma obra erudita.

As relações Brasil-Portugal e a ampliação dos contatos internacionais da ABL também são temas importantes, abordados nos dois anos pesquisados, assim como

a criação de cadeiras de Estudos de Assuntos Brasileiros em universidades estrangeiras. É nítida a supremacia da relação Brasil-Portugal, tema abordado 61 vezes, enquanto as demais relações internacionais foram registradas 52 vezes.

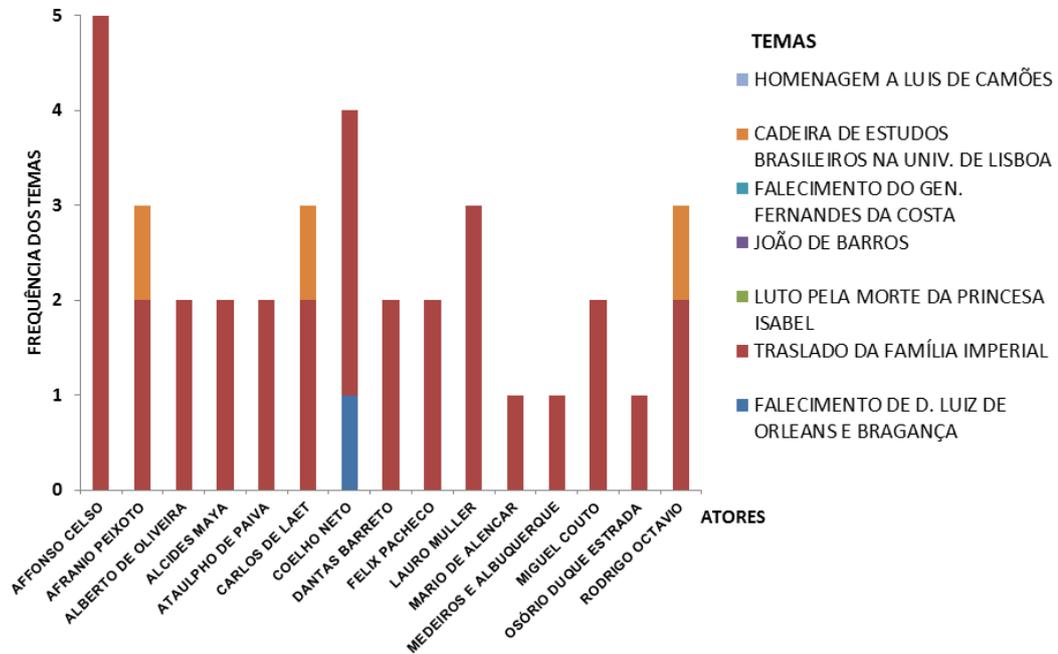
O vínculo de Carlos de Laet com a monarquia, e o respeito do Plenário diante das notícias compartilhadas sobre a Família Imperial é latente, e pode ser comprovado com a quantidade de atores que se manifestam sobre esses assuntos. (Gráficos 23, 24, 25 e 26) Em abril de 1920, quando da visita do sócio correspondente português João de Barros ao Brasil, é mencionada pela primeira vez a proposta, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, para instituição de uma Cadeira de Estudos Brasileiros, que dependeria apenas de um acadêmico para a sua regência. A partir desta data, muita correspondência é trocada, na tentativa de conseguirem um acadêmico que se disponibilizasse a assumir a tarefa. O primeiro acadêmico mencionado é Miguel Calmon que, por telegrama, declina da honra de reger o curso. É designado então Afrânio Peixoto, com viagem marcada para a Europa, mas também ele declina do convite e o assunto não é mais tratado.

Gráfico 23 – Relação Brasil-Portugal: Protagonistas



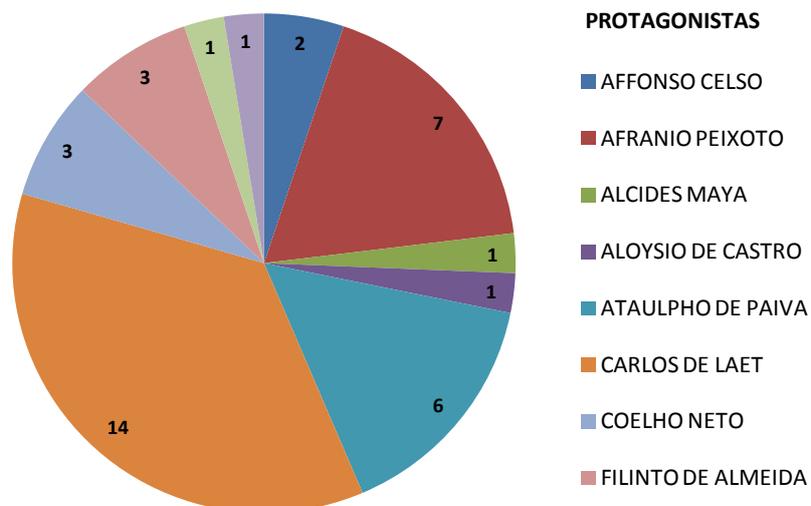
Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Gráfico 24 – Relação Brasil-Portugal: Atores



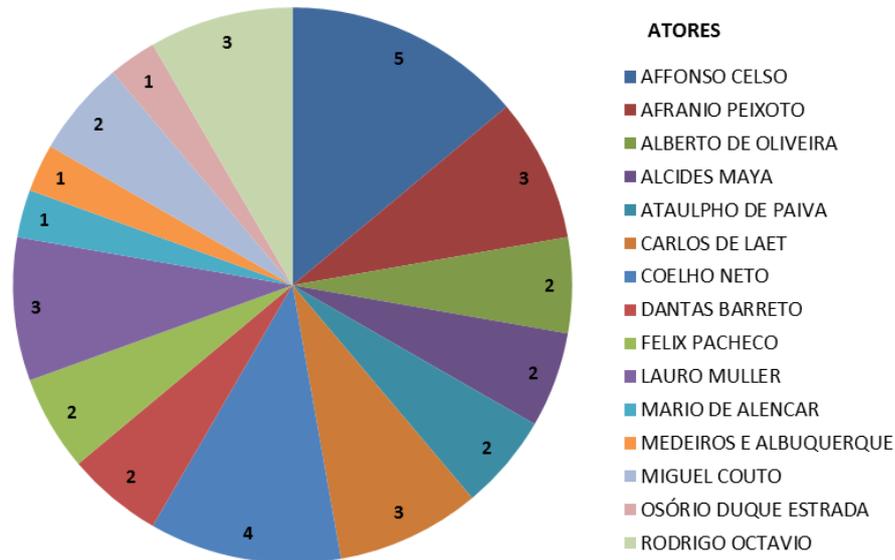
Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Gráfico 25 – Relação Brasil-Portugal: Frequência dos protagonistas.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Gráfico 26 – Relação Brasil-Portugal: Frequência dos atores.



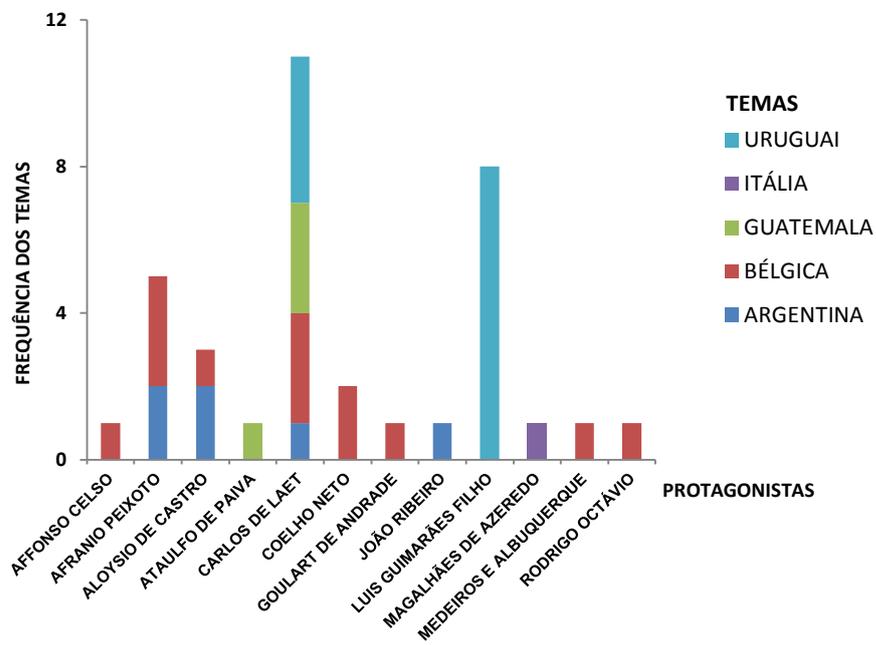
Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

O maior fluxo de correspondência internacional se deu entre a Academia Brasileira e Portugal, incluindo-se aí a Academia das Ciências de Lisboa, sócios correspondentes, além de instituições e pessoas vinculadas de alguma forma ao Brasil. São comuns as visitas de escritores e sócios correspondentes portugueses à Academia e problemas de edição e liberação de livros são solucionados através de contatos com além-mar.

Além desses temas, a análise de dados demonstrou que a relação Brasil-Portugal abrange também a presença da ABL em comemorações portuguesas promovidas por instituições no Rio de Janeiro, doação de livros e votos de pesar pelo falecimento de intelectuais dos dois países.

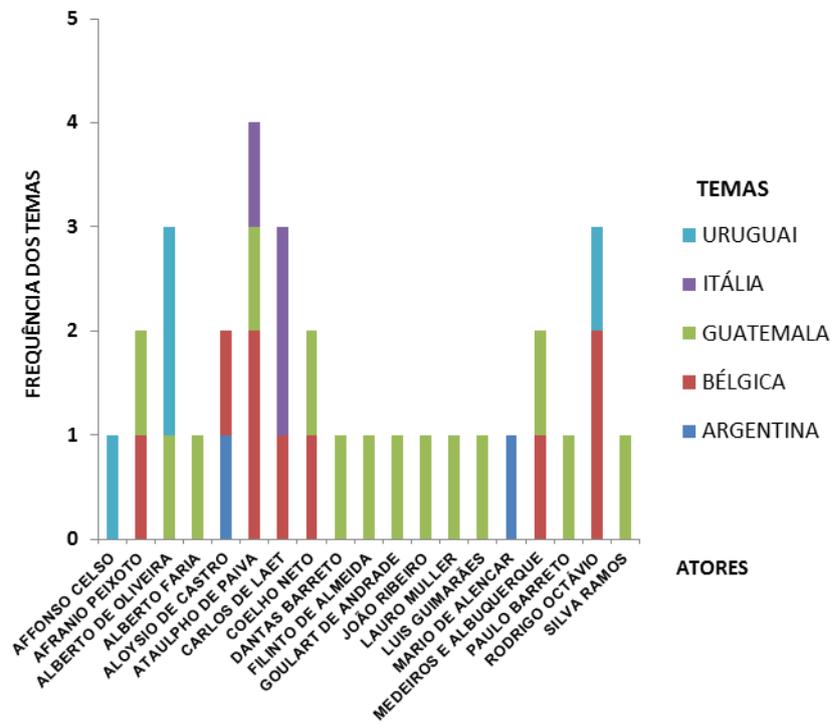
Em 1920 e 1921 a ABL trocou correspondência com Inglaterra, Chile, Argentina, Uruguai, Estados Unidos, Itália, Bélgica, França, Peru, Guatemala, São Domingos, Suécia, Holanda, Suíça, Áustria, El Salvador, Bolívia, Tchecoslováquia, Honduras, México e Venezuela. Os países mais citados nas sessões foram Uruguai, Itália, Guatemala, Bélgica e Argentina. (Gráficos 27 e 28)

Gráfico 27 – Relações Internacionais: Protagonistas



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Gráfico 28 – Relações Internacionais: Atores

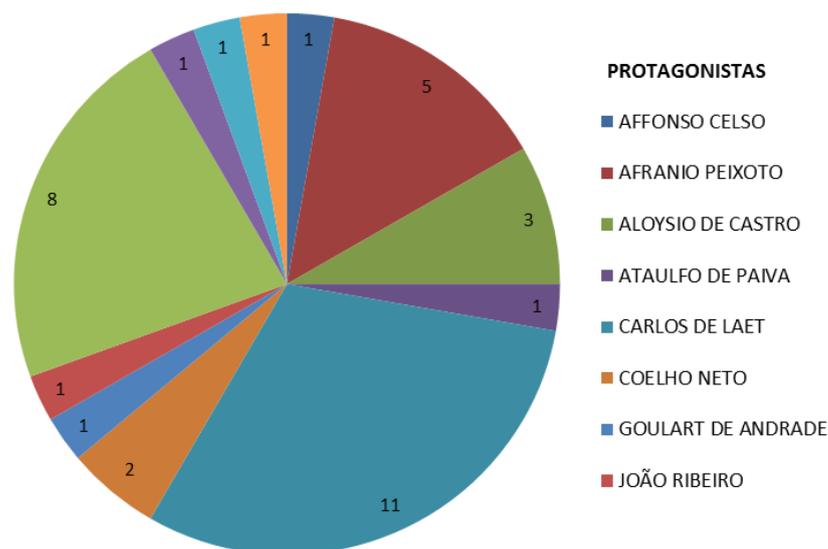


Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Os países mais citados, depois de Portugal, foram Uruguai, Itália, Guatemala, Bélgica e Argentina. A relação da Academia com a Argentina consistiu, em 1920, do registro de um voto de louvor à pioneira viagem aérea realizada por um brasileiro a Buenos Aires; em 1921; da designação de uma comissão da ABL para os festejos comemorativos do Centenário de Bartolomeu Mitre, em Buenos Aires; da troca de correspondência e doações de livros.

A presença atuante do acadêmico Luiz Guimarães Filho como Ministro do Brasil no Uruguai reflete-se nas correspondências trocadas, em que o acadêmico frequentemente noticia sua presença representando a Academia em diversos eventos. Também foi registrada em ata a visita do Ministro do Uruguai Manuel Bernardez à ABL; a colaboração da ABL para a aposição de uma placa no túmulo do escritor José Enrique Rondó e sua homenagem póstuma, quando pelo porto do Rio de Janeiro passou o corpo do grande pensador uruguaio. Há também a assinatura de um convênio entre as faculdades brasileira e uruguaia, mencionado em carta de Luiz Guimarães Filho de agosto de 1921, destinado ao intercâmbio de professores e alunos. Na coleta dos dados, foram consideradas como relevantes as correspondências dos acadêmicos Luiz Guimarães Filho e de Hélio Lobo, dos Estados Unidos, porque apesar de ausentes, em missão diplomática no exterior, sempre mantiveram contato com a ABL.

Gráfico 29 – Relações Internacionais: Frequência dos protagonistas

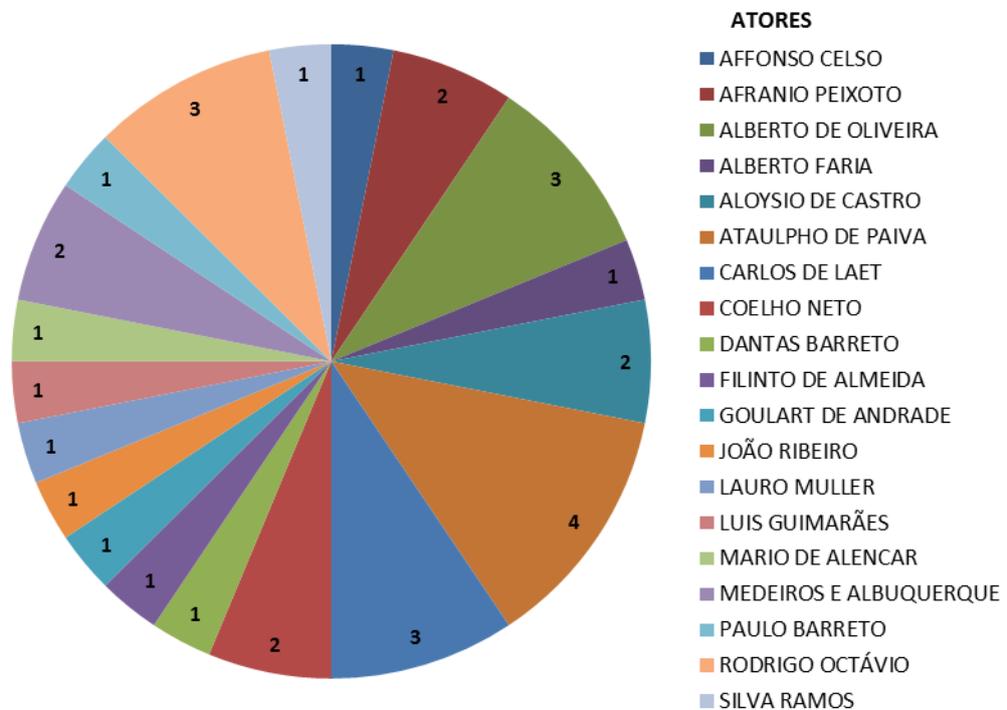


Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

A relação da ABL com a Guatemala deveu-se à prisão do sócio correspondente peruano José Santos Chocano naquele país, quando a ABL solidarizou-se ao movimento mundial pela libertação do poeta, com grande manifestação do Plenário.

Com a visita ao Brasil dos reis Alberto I e Elizabeth, frequentemente a Bélgica é citada nas sessões de 1920. Acompanhando os soberanos estava o escritor e professor de Literatura Francesa da Universidade de Edimburgo Carlos Sarolea, e Carlos de Laet designa comissão especial para recepcioná-los em sessão pública de homenagem na ABL. Também em uma festa de recepção aos visitantes belgas no Conselho Superior do Ensino, discursaram Aloysio de Castro e Afonso Celso. Em setembro de 1920 e em novembro do mesmo ano, Goulart de Andrade lembra a conveniência da criação de uma Cadeira de Estudos Brasileiros em Bruxelas, voto já formulado pelo sócio correspondente Victor Orban.

Gráfico 30 – Relações Internacionais: Frequência dos atores.

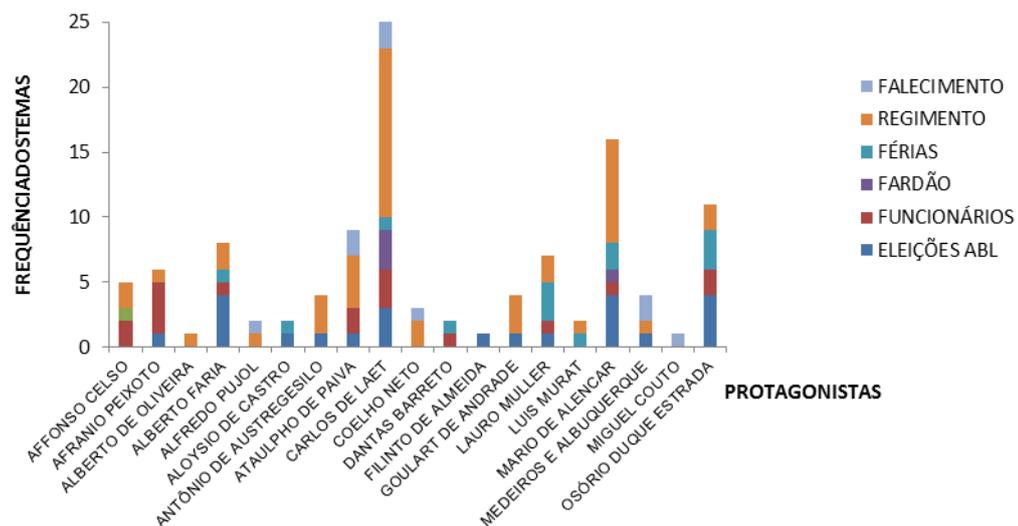


Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

O acolhimento de sócios correspondentes, como na Academia Francesa, foi inovado pela Academia Brasileira, que abrigava dos seus vinte sócios correspondentes, dez portugueses. Todos também tinham patronos (NEVES, 2008, p.28). De 1897 até 1900 fica completo o quadro de sócios correspondentes. Em 1910, Salvador de Mendonça “propõe e é aprovado que se fixe em dez, de um total de vinte, o número de sócios correspondentes portugueses” (NEVES, 2008, p.68), o que comprova a relevância das relações Brasil-Portugal.

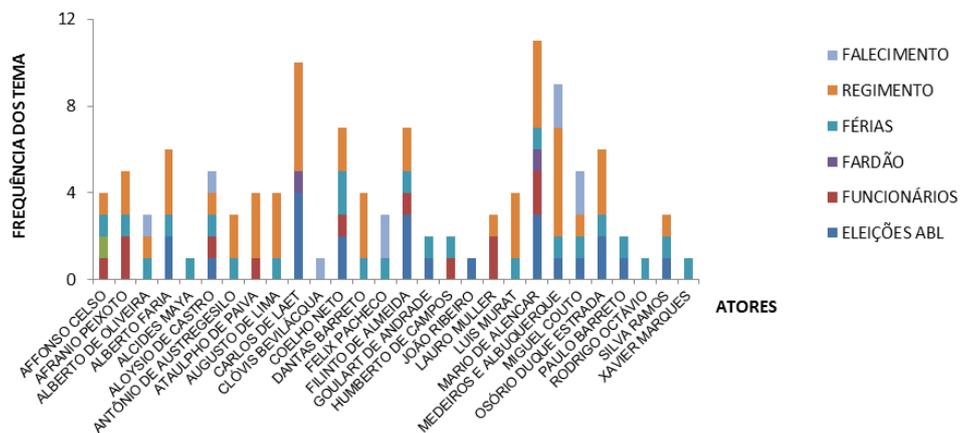
A reforma do Regimento Interno também foi tema no período pesquisado, e descortinou algumas peculiaridades e preocupações acadêmicas. Entre os assuntos abordados, institucionais, estão os procedimentos da Diretoria junto aos funcionários da ABL; as discussões sobre as férias acadêmicas; os funerais acadêmicos; a elegibilidade das mulheres para a instituição; a participação nas sessões, como convidados, dos escritores estrangeiros de passagem pela cidade, mesmo não sendo sócios correspondentes; e o modelo do fardão acadêmico. (Gráficos 31, 32, 33, 34).

Gráfico 31 – Reforma do Regimento: Protagonistas



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Gráfico 32 – Reforma do Regimento: Atores

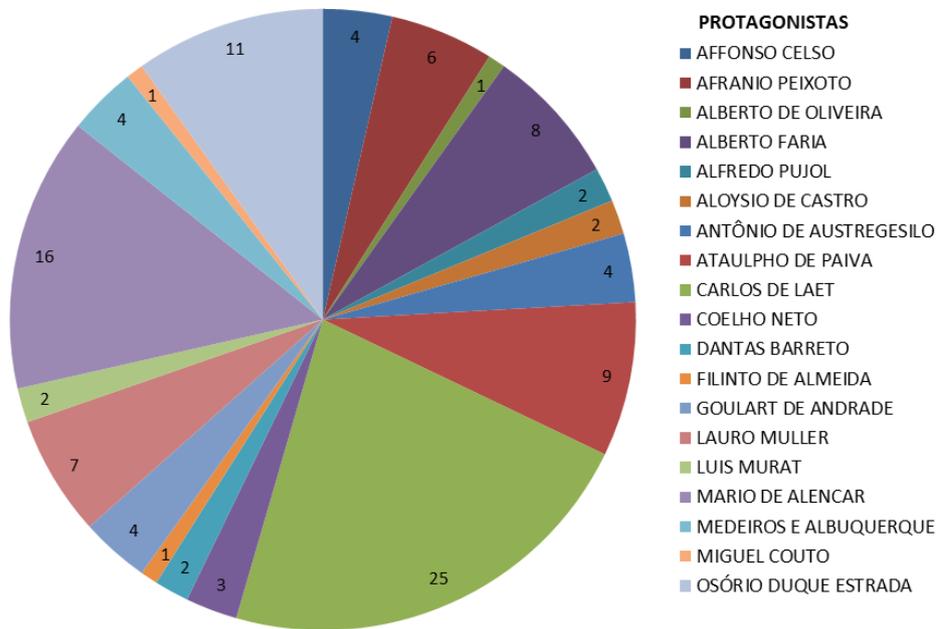


Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Os falecimentos e todas as providências deles decorrentes são debatidos amplamente nas sessões. Este tema ainda passava por revisões, pois a Academia não possuía uma estrutura definida de procedimentos a respeito de velórios e homenagens póstumas. Paulo Barreto e Pedro Lessa faleceram em 1921, mas poucas são as referências às homenagens a eles prestadas. No caso dos restos mortais de Guimarães Passos e Raimundo Correa, vindos da Europa, foi nomeada comissão de recepção no cais do porto. Alguns acadêmicos eram favoráveis a homenagens com velório, discursos e enterro. Outros, preferiam ir diretamente do cais ao cemitério, ainda porque estas solenidades costumavam receber pouca gente. Sobre o tema de falecimentos, Carlos de Laet menciona a ocorrência, “mesmo sem vaga, de acadêmicos assediados por pretendentes, que solicitam votos para o caso da primeira morte de acadêmicos”.

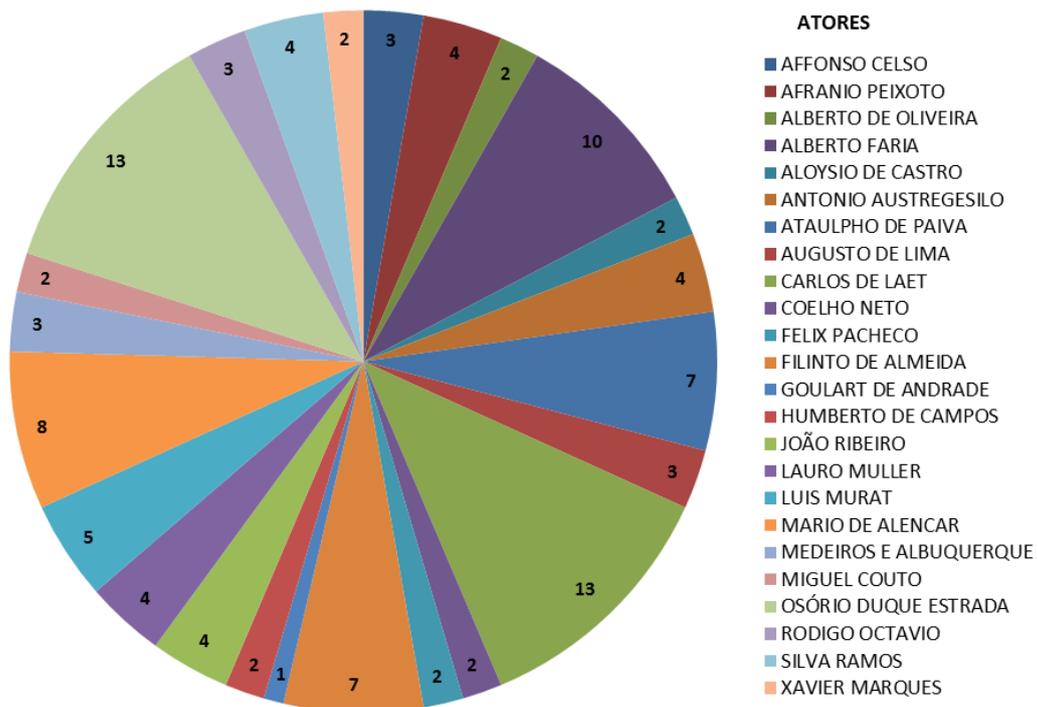
Outra determinação foi a nomeação de uma comissão para avaliação do mérito das candidaturas apresentadas, evitando-se qualquer constrangimento. Ficou estabelecido que, na sessão imediata ao dia do encerramento das inscrições, o Presidente sortearia uma comissão de três membros para informar sobre o merecimento dos candidatos, sem intuito, porém, de insinuar a preferência por qualquer deles.

Gráfico 33 – Reforma do Regimento: Frequência dos protagonistas.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

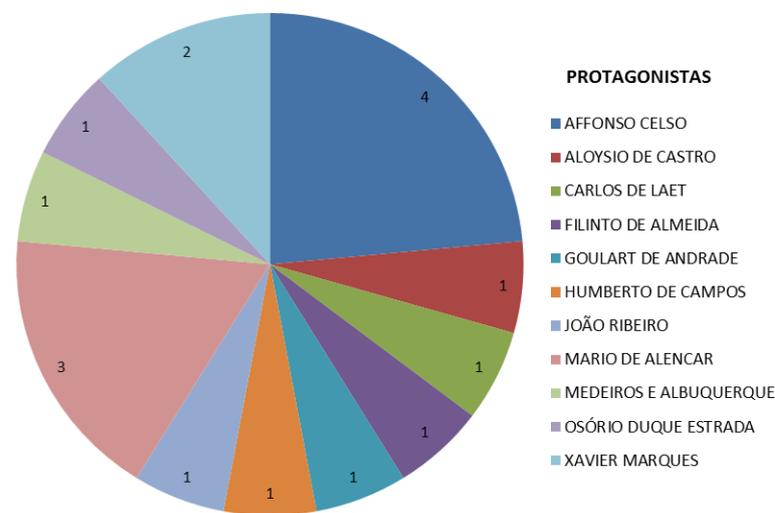
Gráfico 34 – Reforma do Regimento: Frequência dos atores.



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

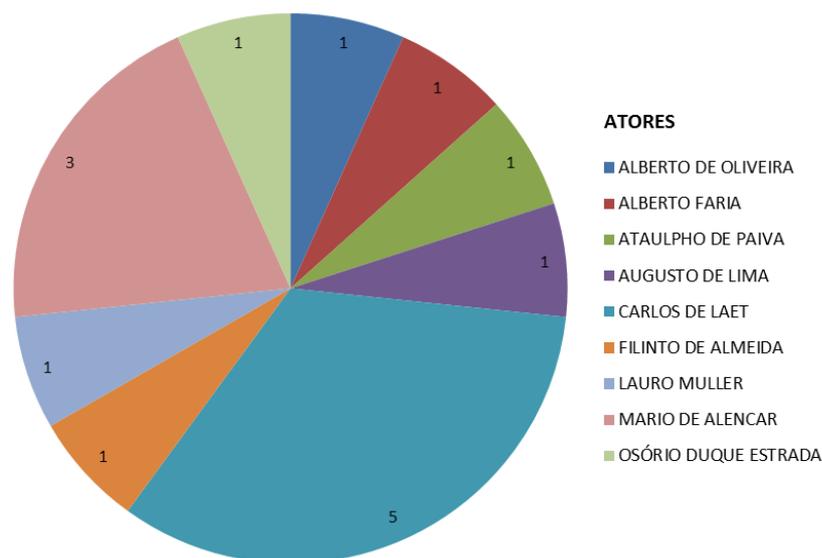
Outras comissões especiais frequentes nas discussões do Plenário em 1920 e 1921 foram as referentes aos temas “direito autoral” e “reforma tributária”, que impactavam sensivelmente na elevação do preço do papel. Sobre a questão dos direitos autorais tema de diversas sessões, foram citados casos de plágio de livros de José de Alencar e do livro *Inocência*, de Visconde de Taunay. Há algumas menções sobre uma lei de proteção à autoria, mas que, pelo que se pode constatar, não era respeitada. (Gráficos 35, 36)

Gráfico 35 – Direitos Autorais: Frequência dos protagonistas



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

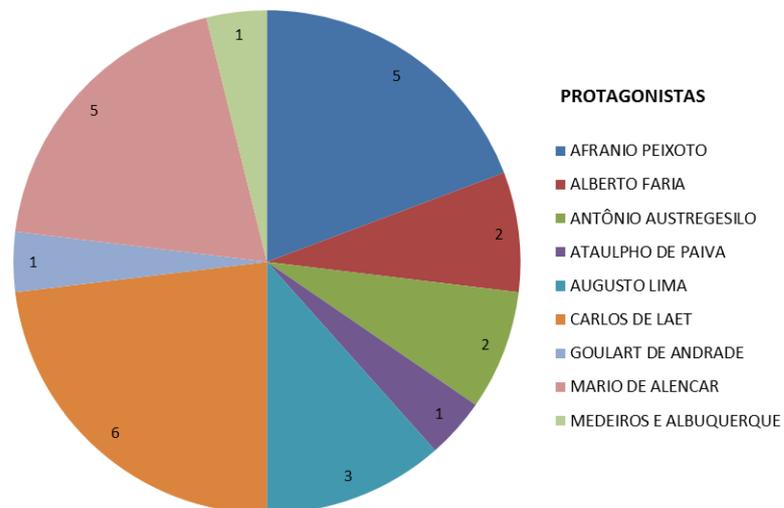
Gráfico 36 – Direitos Autorais: Frequência dos atores



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

O tema relativo ao aumento do valor do imposto sobre o preço do papel surge pela primeira vez na sessão de 15 de abril de 1920, no discurso do sócio correspondente João de Barros, quando em visita à ABL. O escritor faz referência a livros brasileiros, “raríssimos à venda” e registra que, quando Olavo Bilac esteve em Lisboa em 1916, muito festejado, conseguiram encontrar apenas um volume das suas *Poesias* nas livrarias. Lia os escritores brasileiros por receber livros de amigos e “não compreendia a dificuldade da distribuição das publicações brasileiras em Portugal, pois muitas delas eram impressas e editadas em Paris”. Três meses depois, Monteiro Lobato escreve carta pedindo intervenção da ABL junto ao Congresso Federal e, na sessão do dia 26 de agosto de 1920, Augusto de Lima comunica que a Comissão de Tarifas da Câmara dos Deputados tomara em consideração o apelo da ABL. (Gráficos 36 e 37)

Gráfico 37 – Reforma Tributária: Frequência dos protagonistas

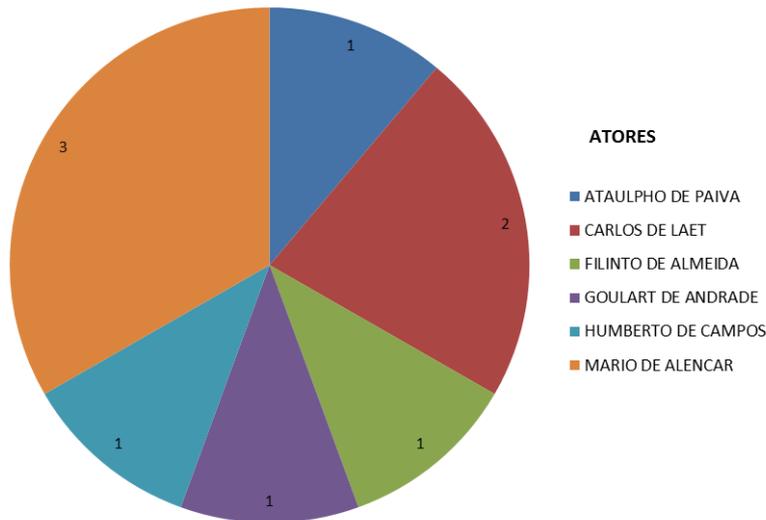


Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

No início de novembro, Afrânio Peixoto retoma o assunto, argumentando que, do mesmo modo que “Coelho Neto publica seus livros em Portugal e Mario de Alencar está em mudança, também ele irá”. É então designada uma Comissão de Tarifas da Câmara dos Deputados, composta pelos acadêmicos Afrânio Peixoto, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Alberto Faria e Goulart de Andrade, que redige documento destinado ao Ministro da Fazenda Homero Baptista. Em dezembro, sem nada resolvido, Afrânio Peixoto propõe que se enderece

representação à Comissão de Tarifas do Senado e, após entendimentos com o presidente da Comissão de Tarifas do Senado Lauro Muller e o Senador Miguel de Carvalho, a comissão se desincumbe do cargo. A solução, infelizmente, não é documentada em ata. (Anexo E)

Gráfico 38 – Reforma Tributária: Frequência dos atores



Fonte: Base de dados Atas da ABL – 1920-1921, 2014.

Pode-se perceber que a questão das publicações brasileiras no período estudado é um tema polêmico. A elevação do preço do papel no Brasil se restringia aos livros, liberando o governo o preço do papel para todas as publicações feitas em papel jornal, destinadas aos periódicos. Em 1921, a ABL precisa telegrafar ao Embaixador em Portugal e ao Consul do Brasil na Cidade do Porto para liberação de livros presos na alfândega, que dependiam de cobrança de impostos. Entretanto, Alberto Faria e Mario de Alencar argumentam que, por lei, era livre de impostos a entrada dos livros de escritores residentes no Brasil.

Os resultados reproduzidos neste capítulo possibilitaram a análise da diversidade de assuntos tratados nas sessões da ABL, assim como seus principais protagonistas e atores.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos moldes acadêmicos, esta dissertação procurou colaborar de forma cumulativa, atenta às propostas da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento, no resgate de parte da memória da ABL. A utilização de uma base de dados se fez imprescindível, assim como a leitura sobre o contexto histórico literário do tempo abrangido na pesquisa. Encontramos nas Atas da ABL menções a produções acadêmicas e científicas, mas também conteúdos diversos, mencionados pelos próprios atores ou por um intermediário. Interessante perceber também que certos hábitos, iniciados no final do século XIX e início do XX, permanecem até hoje na Instituição.

Ao reunir essas abordagens como temas, foi salientada a importância da conexão dos atores nesses universos informacionais no que diz respeito ao discurso de cada um, individualmente. Revelam seus pontos de vista pessoais que, por sua vez, podem não coadunar com os do grupo, interferindo apenas nas ponderações e questionamentos a respeito de decisões a serem tomadas ou de sugestões que possam vir a apresentar. O ator, que também pode ser o gerador da ação, neutraliza-se, de acordo com o que se espera dentro do procedimento tradicionalmente estabelecido, maçônico, testamentado.

Os acadêmicos possuíam comportamento informacional, compartilhavam e buscavam informações, e faziam uso constante de fontes, à época, bibliográficas, de informação e conhecimento. É indubitável que a gestão da informação por parte dos acadêmicos foi, dentro do limitado contexto político e financeiro da época, um modelo de como a Instituição, composta de pouquíssimos funcionários, conseguiu manter-se diante de adversidades várias. O contexto organizacional, familiar, mantinha-se basicamente pela eficiência da troca de informações entre o grupo estudado, neutralizando muitas das deficiências pelas quais a Academia passava naquele período. Todos partilhavam suas experiências e ampliavam suas possibilidades de atuação, através do aprimoramento advindo da partilha.

O compartilhamento de informações era constante, tanto no espaço interno da Instituição, entre os acadêmicos envolvidos, mas também através de cartas, telegramas e ofícios trocados entre instituições nacionais e internacionais. O trabalho em conjunto de coleta de brasileirismos é um exemplo que merece ser

destacado, no sentido de que todos os acadêmicos participavam, com a troca de verbetes, bibliografias, do estudo dos brasileirismos da nossa língua vernácula.

Também todos participavam na solução de problemas ou na tomada de decisões. Davenport & Prusak (1998, p.115) salientam a diferença entre o “compartilhamento” da informação, como um ato voluntário de disponibilização de informações de uma pessoa a outra, e o “relatar”, como uma troca involuntária de informações, de maneira estruturada e rotineira. Mesmo havendo semanalmente o “relato” da ordem do dia no início das sessões, servia como um mapeamento de assuntos para as discussões e trocas de novas informações, conhecimento. A maioria da informação no período estudado era “compartilhada”.

O comportamento informacional dos acadêmicos, se levarmos em conta os ausentes, era equilibrado, considerando-se que praticamente a metade do grupo era atuante, e exercia atividades acumuladas. Quanto aos atores presentes às sessões, podemos considerar o seu comportamento proativo. Entretanto, os protagonistas, tinham mais iniciativa, e davam tónus às reuniões. Havia precisão nas informações e os atores não eram meros transmissores e receptores passivos. Preocupavam-se em transferir a informação, assim como com a qualidade dessa informação.

Foram constatados fluxos informacionais em que o grupo discute por determinado período de tempo um assunto específico, compartilhando informações e contribuindo para o melhor desenvolvimento das tarefas acadêmicas. Em certos momentos, quando discordavam, abria-se espaço para discussão e, caso não houvesse consenso, partia-se para a votação, quando decidia a voz da maioria. Sem possuírem qualquer esboço teórico, desconhecendo o processo e os conceitos que hoje estão a se consolidar, os acadêmicos comportavam-se de forma informacional. Apesar de sua organização informacional estar ainda em fase embrionária, constatamos referências à palavra “arquivo” desde cedo, nas primeiras sessões da Academia. Os atores, pertencentes ao quadro dos membros da Academia Brasileira de Letras, refletiam um comportamento informacional nivelado, com divergências que, no geral, pouco influenciavam o processo de transmissão de informações e conhecimento.

Outro detalhe observado é que todos os atores envolvidos tinham consciência da relevância da troca de informação para o ambiente interno da ABL. Os acadêmicos assíduos, sempre os mesmos, revelaram-se campo fértil para a difusão e compartilhamento de informações. Partilhavam e resolviam problemas,

apresentavam propostas de novos projetos, enriqueciam os projetos em andamento, e tinham como processo decisório, em última instância, a votação.

A Academia, desde a sua criação, sempre foi identificada e valorizada como uma organização destinada à preservação da informação e do conhecimento. Essa valorização, até hoje, funciona como fator motivacional e reafirmador da tradição enfatizada por todos os seus integrantes. Símbolos, valores e tradições consolidados, são compartilhados, inseridos no contexto da circulação e da organização da informação, tanto no que se refere ao cuidado e preservação do conhecimento, como na própria dedicação, por parte dos acadêmicos, à gestão da Instituição. Os Estatutos e o Regimento Interno, que representam os valores e tradições a serem respeitados e seguidos pelo grupo, estabelecem critérios quanto ao relacionamento de todos, sistematizando e consolidando normas que favorecem um fluxo desimpedido de troca.

No universo específico estudado, Comissões Permanentes e Especiais, constatou-se que este fluxo reflete-se principalmente nos seguintes pontos:

- A Academia Brasileira de Letras é uma organização que, representada por uma Diretoria eleita, composta por um Presidente e outros quatro acadêmicos, é gerenciada pelo Plenário, através da eleição de membros que compõem suas comissões permanentes, respaldados pelo Regimento Interno da ABL.

- Os acadêmicos participativos eram basicamente os mesmos, variando suas atuações de acordo com suas áreas de competência.

- A correspondência trocada pela ABL foi muito mais internacional do que nacional, destacando-se especialmente o vínculo da Academia Brasileira de Letras com Portugal.

- Os acadêmicos buscam parcerias internacionais para ampliar a troca de conhecimentos e informações.

- Cada Comissão Permanente possuía seu universo específico de protagonistas e atores.

- Dentre as comissões permanentes (excluindo-se a Comissão de Contas que não fez parte da análise no presente trabalho), a que apresenta atuação significativa é a Comissão de Lexicografia, seguida pela Comissão de Redação.

- Os assuntos de maior relevância, não abordados pelas comissões permanentes, mereceram a criação de comissões especiais ou geraram discussões mais aprofundadas no plenário.

- As Comissões Especiais, nomeadas pelo presidente, e em alguns casos tendo seus integrantes eleitos por votação, eram designadas para os mais variados tipos de assunto, sinalizando que a Instituição realmente tratava-se de uma organização familiar, onde seus atores interagiam de forma contínua.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jobson Louis Santos de; DUARTE, Emeide Nóbrega. Evolução e tendências das pesquisas em gestão do conhecimento no campo da Ciência da Informação. *Biblionline*, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 35-51, 2011. Disponível em: [http://www.brapci.ufpr.br/dir-is\\_author.php?dd0=2555](http://www.brapci.ufpr.br/dir-is_author.php?dd0=2555). Acesso em: 10/fev./2015.

ASSIS, Machado. Comentários da semana. Obra Completa. Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1938. Publicado originalmente em *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 01/11/1861 a 05/05/1862. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr01.pdf> Acesso em: 30/nov./2014.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, c1977. 226p.

BORKO, H. Information Science: what is it? *American Documentation*, Washington, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/533107/Borko-H-v-19-n-1-p-35-1968>. Acesso em: 24/mai./2012

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Ed. Cultrix. Conselho Nacional de Cultura. 1997.

BUSH, V. As we may think. *The Atlantic Monthly*, Boston, v. 176, n. 1, p.101-108, 1945. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/>>. Acesso em: 17/jun./2013.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Organização de domínios de conhecimento e os princípios rangenathianos. *Perspectiva em ciência da informação*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 150-163, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/134791433/Organizacao-de-dominios-de-conhecimento-e-os-principios-rangenathianos#scribd>. Acesso em: 27/abr./2013.

CANDIDO, Antonio. Iniciação à literatura brasileira. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, Academia Brasileira de Letras, 2010. 136p.

CASCUDO, LUÍS DA CÂMARA. Alimentação no Brasil. Rio de Janeiro: Global Editora. 2015.

COLLARES, R. M. Modelos mentais de dirigentes organizacionais e os processos de resistência à mudança. Florianópolis: UFSC, 2002. 143f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2002.

DAVENPORT, T.; PRUSAK, L. Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 1998. 316p.

DODEBEI, V. L. D. L. de M. Informação, memória, conhecimento: convergência de campos conceituais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2010. Anais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

FAORO, Raymundo. Os donos do poder. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2003. v.2.

FREITAS, M. E. Cultura organizacional: identidade, sedução e carisma? Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 180p.

FREITAS, H; JANISSEK, R; MOSCAROLA, J. Análise qualitativa em formulário interativo: rumo a um modelo cibernético conjugando análises léxica e de conteúdo. In: CIBRAPEQ – CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA QUALITATIVA, 24 a 27 de março, Taubaté/SP, 2004. Poster e Workshop. 16p.

FREITAS, Henrique M.R. Réplica 1 – análise de conteúdo: faça perguntas às respostas obtidas com sua ‘pergunta!’ *Revista Administração Contemporânea*, v.15, n.4, Curitiba Julho/Agosto de 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-6552011000400011>. Acesso em: 24/nov./2014

GONZÁLEZ DE GOMÉZ, Maria Nélide. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. DataGramZero – *Ciência da Informação*, v.1, n.6, dez/2000 – ARTIGO 3. Disponível em: [http://www.dgz.org.br/dez00/Art\\_03.htm](http://www.dgz.org.br/dez00/Art_03.htm) Acesso em: 20/jun./2012.

HENRIQUES, Claudio Cezar Henriques. Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência de Machado de Assis (1896-1908). Rio de Janeiro: Editora ABL, 2002. 228p. Coleção Austregésilo de Athayde.

HJØRLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. *Knowledge Organization*, v.30, n.2, 2003.

LE GOFF, J. História e memória. 5.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. 208p.

LLOPIS ALVES, Rosana. Carlos de Laet: entre o magistério, a política e a fé. Orientadora: Cláudia Alves. 2013. 376p. Tese (Doutorado em Educação). UFF – Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <http://pct.capes.gov.br/teses/2013/31003010001P0/TES.PDF>. Acesso em: 09/ago./2014.

MOLINA, Letícia Gorri; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Memória organizacional, memória corporativa e memória institucional: discussões conceituais e terminológicas. *Revista EDICIC*, v.1, n.1, p.262-276, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.edicic.org/revista/>. Acesso em: 10/fev./2015

MONTEIRO, Luíra Freire. Retórica da alteridade: Portugal e portugueses na historiografia brasileira. Universidade de Coimbra, 2013.

MONTELLO, JOSUÉ. O modernismo na Academia – Testemunhos e documentos. Rio de Janeiro: Editora ABL, 1994. Coleção Afranio Peixoto.

MONTELLO, JOSUÉ. A Academia Brasileira de Letras – 100 anos (1897 – 1997). Rio de Janeiro, Editora ABL, 1997. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4319&sid=2>. Acesso em: 19/nov./2014.

MORAES, R. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: [http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html](http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html) Acesso em: 27/set./2012.

NEVES, Fernão. A Academia Brasileira de Letras: notas e documentos para a sua história, 1896-1940. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

OLIVEIRA, Maria do Socorro dos Santos. A memória dos imortais no arquivo da Academia Brasileira de Letras. Dissertação de Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais. Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, Rio de Janeiro, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e esquecimento. Tradução de Dora Rocha. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p.3-15. Disponível em: [http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em: 25/jan./2015

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Tradução de Monique Augras e Dora Rocha. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p.200-212. Disponível em: [http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf). Acesso em: 25/jan./2015.

ROBREDO, J. Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação. Brasília: Thesaurus, 2003.

SANTOS, P. de M.L. O ponto de inflexão Otlet: uma visão sobre as origens da documentação e o processo de construção do Princípio Monográfico. 2006, 146f. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://tcc2011dora.wordpress.com/2010/10/22/o-ponto-de-inflexao-de-otlet/>. Acesso em: 17/jun./2013.

SARACEVIC, T. 1995. Interdisciplinary nature of information science. *Ciência da Informação*, Brasília, v.24, n.1, p.36-41, 1995.

SHERA, Jesse H.; EGAN, Margaret E. Catálogo sistemático: princípios básicos e utilização. Brasília: Editora Universidades de Brasília, 1969. 174 p., p.40. (Biblioteconomia e documentação).

SOUSA, A. M. C. Estudo de uma experiência de fluxo informacional científico no Instituto Oswaldo Cruz: “A Mesa das Quartas-feiras”. 2006. 110 f. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação – Universidade Federal Fluminense, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, RJ, 2006. Disponível em: <http://www.arca.fiocruz.br/xmlui/handle/icict/6336>. Acesso em: 30/ago./2014.

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. 3. ed. revisada e aumentada Petrópolis: Editora Vozes; Brasília, INL, 1976. 384p.

THIESEN, I. Informação, memória e história: a instituição de um sistema de informação na corte do Rio de Janeiro. *Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. esp., 1. Semestre 2006.

TOLMASQUIM, Alfredo; MAGNO, Alexandre; LINO, Lucia A. da Silva. Sistema de organização do conhecimento para representação/recuperação da informação em história da ciência. Rio de Janeiro: Editora 1998. Disponível em: <http://www.geocities.ws/biblioestudantes/181.pdf>. Acesso em: 17/jun/2013.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Análise de conteúdo. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação. São Paulo: Polis, 2005. cap. 6, p. 119-134.

ZIMAN, John. Community and communications. In:\_\_\_\_\_. Public knowledge, the social dimension of science. London: Cambridge University Press, 1968.

## ANEXO A – *Revista Brasileira*

A primeira publicação conhecida por usar o nome *Revista Brasileira* apareceu aos 14 de julho de 1855, com o título de *Revista Brasileira, Jornal de Literatura, Teatros e Indústria*, fundada e dirigida pelo Dr. Francisco de Paula Meneses. Anunciava-se como quinzenal, mas só apareceu o n.º 1. A segunda surgiu em 1857, com a denominação de *Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes*. Durou até 1861, perfazendo quatro volumes. Seu diretor, Cândido Batista de Oliveira (1801-1865), formado em Matemáticas pela Universidade de Coimbra e aluno da Escola Politécnica de Paris, era um cientista e publicava sobretudo artigos científicos. Afrânio Peixoto, ao fazer o histórico das fases da revista, silenciou sobre Paula Meneses e apresentou os volumes de Batista de Oliveira como a Fase I.

A Fase II da *Revista Brasileira*, a chamada “fase Midosi”, editada por Nicolau Midosi, publicou regular e mensalmente, de junho de 1879 a dezembro de 1881, 30 números, reunidos em 10 volumes. Em suas páginas tiveram primeira publicação as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, os poemas de Fagundes Varela que constituem *O diário de Lázaro*, a “Introdução à história da literatura brasileira”, de Sílvio Romero, aproveitada mais tarde na sua *História da literatura brasileira*, entre tantas e importantes colaborações.

A Fase III, a chamada “fase José Veríssimo”, circulou de janeiro de 1895 a setembro de 1899. Foram publicados 19 tomos, com 93 fascículos. Sem dar destaque à sua condição de diretor, José Veríssimo apenas solicitava, na contracapa, que as colaborações fossem enviadas ao “Sr. José Veríssimo, director da *Revista Brasileira*, Ouvidor 66”. Nesse endereço reuniam-se os escritores que fundaram a Academia Brasileira de Letras. E nas páginas da revista foram publicados os discursos proferidos na sessão inaugural pelo Presidente Machado de Assis e pelo Secretário-Geral Joaquim Nabuco, assim como a “Memória histórica” do 1.º Secretário Rodrigo Otávio.

A Fase IV da *Revista Brasileira*, dirigida por Batista Pereira, genro de Rui Barbosa, durou apenas de junho de 1934 a novembro de 1935. Na folha de rosto anunciava “Publica-se mensalmente”, mas não foi regular, publicando durante 18 meses apenas 10 números.

A Fase V da *Revista Brasileira*, a partir da qual passou a ser publicada pela Academia Brasileira de Letras, nasceu de uma proposta de Levi Carneiro, então

Presidente da Casa de Machado de Assis, e teve início em julho de 1941. Embora tivesse encontrado forte oposição por parte de alguns acadêmicos, insatisfeitos com a decisão, posteriormente revogada, de membros da Academia não poderem publicar na revista, a iniciativa teve relativo êxito. Em 1948, saiu o vigésimo número. Após uma interrupção de 10 anos, voltou a circular em 1958, ainda sob a direção de Levi Carneiro, e chegou ao n.º 29, publicado em novembro de 1966.

A Fase VI, sob a direção de Josué Montello, compreende apenas seis volumes, aparecidos de 1975 a 1980.

A Fase VII, sob a direção de João de Scantimburgo, abrangeu 69 números, pautando-se pelo critério da trimestralidade, e circulou do último trimestre de 1994, quando voltou a ser publicada, até dezembro de 2011.

A Fase VIII inicia-se no primeiro trimestre de 2012, sob a direção de Marco Lucchesi.

Uma coleção completa da *Revista Brasileira* encontra-se no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, que organizou e publicou o *Índice da Revista Brasileira* das seis primeiras fases, e uma coleção microfilmada está disponível na Divisão de Informação e Documentação da Biblioteca Nacional.

**ANEXO B** – Estatuto da Academia Brasileira de Letras

**Art. 1º** - A Academia Brasileira de Letras, com sede no Rio de Janeiro, tem por fim a cultura da língua e da literatura nacional, e funcionará de acordo com as normas estabelecidas em seu Regimento Interno.

**§ 1º** - A Academia compõe-se de 40 membros efetivos e perpétuos, dos quais 25, pelo menos, residentes no Rio de Janeiro, e de 20 membros correspondentes estrangeiros, constituindo-se desde já com os membros que assinarem os presentes Estatutos.

**§ 2º** - Constituída a Academia, será o número de seus membros completado mediante eleição por escrutínio secreto; do mesmo modo serão preenchidas as vagas que de futuro ocorrerem no quadro dos seus membros efetivos ou correspondentes.

**Art. 2º** - Só podem ser membros efetivos da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário. As mesmas condições, menos a de nacionalidade, exigem-se para os membros correspondentes.

**Art. 3º** - A administração da Academia compete a um Presidente, um Secretário-Geral, um Primeiro-Secretário, um Segundo-Secretário e um Tesoureiro, eleitos anualmente por escrutínio secreto e reelegíveis.

**§ 1º** - O Presidente dirige os trabalhos da Academia e a representa em juízo e nas suas relações com terceiros.

**§ 2º** - As funções dos três Secretários serão discriminadas no Regimento.

**§ 3º** - Ao Tesoureiro incumbe a guarda e a administração do patrimônio social, de acordo com os outros membros da Diretoria.

**Art. 4º** - A Academia terá uma comissão de contas, composta de três membros e eleita anualmente, além das demais comissões que forem criadas pelo Regimento.

**Art. 5º** - A Academia funciona com cinco membros e delibera com dez.

Parágrafo único. Para eleições exige-se, em primeira assembléia, a maioria absoluta dos membros residentes no Rio de Janeiro.

**Art. 6º** - Sem vênia da Academia nenhum Acadêmico tem o direito de declarar essa qualidade nos livros que publicar.

**Art. 7º** - Os membros da Academia não respondem individualmente pelas obrigações contraídas em nome dela, expressa ou implicitamente, pelos seus representantes.

**Art. 8º** - A Academia poderá aceitar auxílios oficiais e particulares, bem como encargos que visem o progresso das letras e da cultura nacional.

**Art. 9º** - No caso de extinção da Academia, liquidado o seu passivo, reverterá o saldo, que houver, em favor da União, se antes não se resolver seja transferido a algum estabelecimento público ou outra associação nacional que tenha fins idênticos ou análogos aos seus.

**Art. 10º** - Para reforma destes estatutos, extinção da Academia e aplicação do patrimônio acadêmico, no caso do art. 9º, será preciso o voto expresso da maioria absoluta dos membros efetivos da Academia.

Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1897.

Machado de Assis, Presidente  
Joaquim Nabuco, Secretário-Geral  
Rodrigo Octavio, Primeiro-Secretário  
Silva Ramos, Segundo-Secretário  
Inglês de Sousa, Tesoureiro

## **ANEXO C – Patronos, Fundadores, Sucessores (Janeiro 2015)**

### **1 – Patrono: Adelino Fontoura – Fundador: Luís Murat**

- Afonso d'Escagnolle Taunay
- Ivan Lins
- Bernardo Élis
- Evandro Lins e Silva
- Ana Maria Machado

### **2 – Patrono: Álvares de Azevedo – Fundador: Coelho Neto**

- João Neves da Fontoura
- Guimarães Rosa
- Mário Palmério
- Tarcísio Padilha

### **3 – Patrono: Artur de Oliveira – Fundador: Filinto de Almeida**

- Roberto Simonsen
- Aníbal Freire da Fonseca
- Herberto Sales
- Carlos Heitor Cony

### **4 – Patrono: Basílio da Gama – Fundador: Aluísio Azevedo**

- Alcides Maia
- Viana Moog
- Carlos Nejar

### **5 – Patrono: Bernardo Guimarães – Fundador: Raimundo Correia**

- Osvaldo Cruz
- Aloísio de Castro
- Cândido Mota Filho
- Rachel de Queiroz
- José Murilo de Carvalho

### **6 – Patrono: Casimiro de Abreu – Fundador: Teixeira de Melo**

- Artur Jaceguai
- Goulart de Andrade
- Barbosa Lima Sobrinho
- Raimundo Faoro
- Cícero Sandroni

### **7 – Patrono: Castro Alves – Fundador: Valentim Magalhães**

- Euclides da Cunha
- Afrânio Peixoto
- Afonso Pena Júnior
- Hermes Lima
- Pontes de Miranda
- Diná Silveira de Queirós
- Sérgio Correia da Costa
- Nelson Pereira dos Santos

### **8 – Patrono: Cláudio Manoel da Costa – Fundador: Alberto de Oliveira**

- Oliveira Viana
- Austregésilo de Ataíde
- Antônio Calado

- Antônio Olinto
- Cleonice Berardinelli

**9 – Patrono: Gonçalves de Magalhães – Fundador: Carlos Magalhães de Azeredo**

- Marques Rebelo
- Carlos Chagas Filho
- Alberto da Costa e Silva

**10 – Patrono: Evaristo da Veiga – Fundador: Rui Barbosa**

- Laudelino Freire
- Osvaldo Orico
- Orígenes Lessa
- Lêdo Ivo
- Rosiska Darcy de Oliveira

**11 – Patrono: Fagundes Varela – Fundador: Lúcio de Mendonça**

- Pedro Lessa
- Eduardo Ramos
- João Luís Alves
- Ademar Tavares
- Deolindo Couto
- Darcy Ribeiro
- Celso Furtado
- Hélio Jaguaribe

**12 – Patrono: França Junior – Fundador: Urbano Duarte**

- Antônio Augusto de Lima
- Vítor Viana
- José Carlos de Macedo Soares
- Abgar Renault
- Dom Lucas Moreira Neves
- Alfredo Bosi

**13 – Patrono: Francisco Otaviano – Fundador: Visconde de Taunay**

- Francisco de Castro
- Martins Júnior
- Sousa Bandeira
- Hélio Lobo
- Augusto Meyer
- Francisco de Assis Barbosa
- Sérgio Paulo Rouanet

**14 – Patrono: Franklin Távora – Fundador: Clóvis Beviláqua**

- Carneiro Leão
- Fernando de Azevedo
- Miguel Reale
- Celso Lafer

**15 – Patrono: Gonçalves Dias – Fundador: Olavo Bilac**

- Amadeu Amaral
- Guilherme de Almeida
- Odylo Costa, Filho
- Dom Marcos Barbosa
- Padre Fernando Bastos de Ávila
- Marco Lucchesi

**16 – Patrono: Gregório de Matos – Fundador: Araripe Júnior**

- Félix Pacheco
- Pedro Calmon
- Lygia Fagundes Telles

**17 – Patrono: Hipólito da Costa – Fundador: Sílvio Romero**

- Osório Duque-Estrada
- Roquette-Pinto
- Álvaro Lins
- Antônio Houaiss
- Affonso Arinos de Mello Franco

**18 – Patrono: João Francisco Lisboa – Fundador: José Veríssimo**

- Barão Homem de Melo
- Alberto Faria
- Luís Carlos
- Pereira da Silva
- Peregrino Júnior
- Arnaldo Niskier

**19 – Patrono: Joaquim Caetano – Fundador: Alcindo Guanabara**

- Dom Silvério Gomes Pimenta
- Gustavo Barroso
- Silva Melo
- Américo Jacobina Lacombe
- Marcos Almir Madeira
- Antonio Carlos Secchin

**20 – Patrono: Joaquim Manuel de Macedo – Fundador: Salvador de Mendonça**

- Emílio de Meneses
- Humberto de Campos
- Múcio Leão
- Aurélio de Lira Tavares
- Murilo Melo Filho

**21 – Patrono: Joaquim Serra – Fundador: José do Patrocínio**

- Mário de Alencar
- Olegário Mariano
- Álvaro Moreyra
- Adonias Filho
- Dias Gomes
- Roberto Campos
- Paulo Coelho

**22 – Patrono: José Bonifácio, o Moço – Fundador: Medeiros e Albuquerque**

- Miguel Osório de Almeida
- Luís Viana Filho
- Ivo Pitanguy

**23 – Patrono: José de Alencar – Fundador: Machado de Assis**

- Lafayette Rodrigues Pereira
- Alfredo Pujol
- Otávio Mangabeira
- Jorge Amado

- Zélia Gattai
- Luiz Paulo Horta
- Antônio Torres

**24 – Patrono: Júlio Ribeiro – Fundador: Garcia Redondo**

- Luís Guimarães Filho
- Manuel Bandeira
- Ciro dos Anjos
- Sábato Magaldi

**25 – Patrono: Junqueira Freire – Fundador: Franklin Dória**

- Artur Orlando da Silva
- Ataulfo de Paiva
- José Lins do Rego
- Afonso Arinos de Melo Franco
- Alberto Venancio Filho

**26 – Patrono: Laurindo Rabelo – Fundador: Guimarães Passos**

- Paulo Barreto
- Constâncio Alves
- Ribeiro Couto
- Gilberto Amado
- Mauro Mota
- Marcos Vinícios Vilaça

**27 – Patrono: Antônio Peregrino Maciel Monteiro – Fundador: Joaquim Nabuco**

- Dantas Barreto
- Gregório da Fonseca
- Levi Carneiro
- Otávio de Faria
- Eduardo Portella

**28 – Patrono: Manuel Antônio de Almeida – Fundador: Inglês de Sousa**

- Xavier Marques
- Menotti Del Picchia
- Oscar Dias Correia
- Domicio Proença Filho

**29 – Patrono: Martins Pena – Fundador: Artur Azevedo**

- Vicente de Carvalho
- Cláudio de Sousa
- Josué Montello
- José Mindlin
- Geraldo Holanda Cavalcanti

**30 – Patrono: Pardal Mallet – Fundador: Pedro Rabelo**

- Heráclito Graça
- Antônio Austregésilo
- Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
- Nélida Piñon

**31 – Patrono: Pedro Luís Pereira de Sousa – Fundador: Guimarães Júnior**

- João Ribeiro
- Paulo Setúbal
- Cassiano Ricardo

- José Cândido de Carvalho
- Geraldo França de Lima
- Moacyr Scliar
- Merval Pereira

**32 – Patrono: Manuel de Araújo Porto-Alegre – Fundador: Carlos de Laet**

- Ramiz Galvão
- Viriato Correia
- Joracy Camargo
- Genolino Amado
- Ariano Suassuna
- Zuenir Ventura

**33 – Patrono: Raul Pompeia – Fundador: Domicio da Gama**

- Fernando Magalhães
- Luís Edmundo
- Afrânio Coutinho
- Evanildo Cavalcante Bechara

**34 – Patrono: Sousa Caldas – Fundador: Pereira da Silva**

- Barão do Rio Branco
- Lauro Müller
- Dom Aquino Correia
- Magalhães Júnior
- Carlos Castelo Branco
- João Ubaldo Ribeiro
- Evaldo Cabral de Mello

**35 – Patrono: Tavares Bastos – Fundador: Rodrigo Octavio**

- Rodrigo Otávio Filho
- José Honório Rodrigues
- Celso Cunha
- Cândido Mendes

**36 – Patrono: Teófilo Dias – Fundador: Afonso Celso**

- Clementino Fraga
- Paulo Carneiro
- José Guilherme Merquior
- João de Scantimburgo
- Fernando Henrique Cardoso

**37 – Patrono: Tomás Antônio Gonzaga – Fundador: Silva Ramos**

- Alcântara Machado
- Getúlio Vargas
- Assis Chateaubriand
- João Cabral de Melo Neto
- Ivan Junqueira
- Ferreira Gullar

**38 – Patrono: Tobias Barreto – Fundador: Graça Aranha**

- Santos Dumont
- Celso Vieira
- Maurício Campos de Medeiros
- José Américo de Almeida
- José Sarney

**39 – Patrono: Francisco Adolfo de Varnhagen – Fundador: Oliveira Lima**

- Alberto de Faria
- Rocha Pombo
- Rodolfo Garcia
- Elmano Cardim
- Otto Lara Resende
- Roberto Marinho
- Marco Maciel

**40 – Patrono: Visconde do Rio Branco – Fundador: Eduardo Prado**

- Afonso Arinos
- Miguel Couto
- Alceu Amoroso Lima
- Evaristo de Moraes Filho

**ANEXO D – Presidentes da ABL (Janeiro 2015)**

Machado de Assis	1897-1908
Rui Barbosa	1908-1919
Domicio da Gama	1919
Carlos de Laet	1919-1922
Afrânio Peixoto	1923
Medeiros e Albuquerque	1924
Afonso Celso	1925 e 1935
Coelho Neto	1926
Rodrigo Octavio	1927
Augusto de Lima	1928
Fernando Magalhães	1929 e 1931-1932
Aloísio de Castro	1930 e 1951
Gustavo Barroso	1932-1933 e 1950
Ramiz Galvão	1934
Laudelino Freire	1936
Ataulfo de Paiva	1937
Claudio de Souza	1938 e 1946
Antônio Austregésilo	1939
Celso Vieira	1940
Levi Carneiro	1941
Macedo Soares	1942-1943
Múcio Leão	1944
Pedro Calmon	1945
João Neves da Fontoura	1947
Adelmar Tavares	1948
Miguel Osório de Almeida	1949
Aníbal Freire da Fonseca	1952
Barbosa Lima Sobrinho	1953-1954
Rodrigo Octavio Filho	1955
Peregrino Júnior	1956-1957
Elmano Cardim	1958
Austregésilo de Athayde	1959-1993
Abgar Renault	1993
Josué Montello	1994-1995
Antonio Houaiss	1996
Nélida Piñon	1997
Arnaldo Niskier	1998-1999
Tarcísio Padilha	2000-2001
Alberto da Costa e Silva	2002-2003

Ivan Junqueira	2004-2005
Marcos Vinícios Vilaça	2006-2007 e 2010-2011
Cícero Sandroni	2008-2009
Ana Maria Machado	2012-2013
Geraldo Holanda Cavalcanti	2014-2015

## ANEXO E – CARTA DA COMISSÃO DA ABL NO SENADO

### ALTA DOS IMPOSTOS SOBRE O PREÇO DO PAPEL NO BRASIL CARTA DA COMISSÃO DE REPRESENTAÇÃO DA ABL NO SENADO PREÇO DO LIVRO BRASILEIRO PUBLICADO NO ESTRANGEIRO

Academia Brasileira de Letras, 17 dezembro 1920.

Exm<sup>o</sup> sr. Senador General Lauro Severiano Mullher e Illustres  
Membros da Commissão de Tarifas.

A Academia Brasileira de Letras pede venia a V. Exa. e aos illustres membros da Commissão de Tarifas para expor uma representação de legitimos interesses aos quaes se julga por dever de suas mesmas funcções espirituaes não ser extranha. É o caso, Exm<sup>o</sup> Sr., que o projecto de Tarifas ora em execução grava a industria do livro de tal maneira que num pais de escassa instrucção seria isto alarmante para a cultura nacional. Assim, ha taxa especial a ser cobrada do livro de autor brasileiro, impresso no estrangeiro, quando os autores portuguezes e de outros paizes da Europa terão a devida entrada no Brasil. O autor brasileiro não poderá tambem imprimir em seu proprio paiz porque os livros mais divulgados, impressos em papel modesto, não podem tão pouco ser aqui editados pois o papel aspero, chamado papel de jornal, gravado com o imposto de 10 réis por kilogramma, em 1917, passou a pagar 200 réis por kilo em 1918 e agora em 1920 o projecto eleva ainda a 300 réis essa taxa, isso é 3000 % o que é inconcebivel e singular em toda a historia tarifaria do mundo.

Os jornaes diarios e periodicos terão a benevolencia de taxas especiaes, os editores não, e assim os livros mais necessarios ao ensino primario e secundario principalmente serão desta sorte prohibidos.

Não ha, como pôde parecer á primeira vista, exaggero da expressão - PROHIBIDOS - para o fim de impressionar a V. Exa.

A Commissão de Tarifas da Camara julgou que a par da industria do livro havia no Brasil, digna igualmente da consideração e solicitude dos Poderes Publicos, a industria do papel; e com esse

proposito entendia dever dispensar-lhe favores tarifarios. Ora, a verdade é que esses favores, dados a uma industria nascitura apenas, apesar das affirmações em contrario, sobrecarregam duplamente a industria do livro, com a elevação das taxas da importação do papel, propicio a elles e a alta do preço do que viesse a fabricar-se no Brasil, se algum dia elle o fôr, o que é duvidoso visto que as fabricas nacionais não conseguiram produzi-lo no periodo mais favoravel que se lhes deparou, qual é o actual.

A simples exposição destes factos basta para clamar ao patriotismo dos eminentes Senadores numa resolução justa, do qual a Academia Brasileira de Letras pede venia para ser uma interprete cuida que autorizada.

E a Commisão da Academia, especialmente nomeada para fazer entrega desta representação, dará desenvolvidamente a V. Exa. as razões neste papel apenas indicadas.

O Presidente,

(a) Carlos de Laet".